

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**CONTRA AS AMARRAS IMPERIALISTAS: A CONTRIBUIÇÃO IDENTITÁRIA
DE RODÓ ATRAVÉS DE ARIEL.**

LUÍS GUSTAVO MACHADO DIAS DE BRITO

Recife - PE

2015

LUÍS GUSTAVO MACHADO DIAS DE BRITO

**CONTRA AS AMARRAS IMPERIALISTAS: A CONTRIBUIÇÃO IDENTITÁRIA
DE RODÓ ATRAVÉS DE ARIEL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nível Mestrado, com área de concentração em Teoria da Literatura, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, para a obtenção do título de Mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola

Recife - PE

2015

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria Valéria Baltar de Abreu Vasconcelos, CRB4-439

B862c Brito, Luís Gustavo Machado Dias de

Contra as amarras imperialistas: a contribuição identitária de Rodó através de Ariel / Luís Gustavo Machado Dias de Brito. – Recife: O Autor, 2015.

88f.

Orientador: Alfredo Adolfo Cordiviola.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2015.

Inclui referências.

1. Literatura hispano-americana – Crítica e interpretação. I. Cordiviola, Alfredo Adolfo(Orientador). II.Título.

809 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2015-77)

LUÍS GUSTAVO MACHADO DIAS DE BRITO

**CONTRA AS AMARRAS IMPERIALISTAS: A Contribuição Identitária
de Rodó Através de Ariel**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em TEORIA DA LITERATURA, em 11/2/2015.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alfredo Adolfo Cordiviola
Orientador – LETRAS - UFPE

Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza
LETRAS - UFPE

Prof.^ª. Dr.^ª. Amara Cristina de Barros e Silva Botelho
LETRAS - UPE

Recife – PE
2015

EPÍGRAFE

“Solamente la parte ibérica del continente dispone de los factores espirituales, la raza y el territorio que son necesarios para la gran empresa de iniciar la era universal de la Humanidad. Están allí todas las razas que han de ir dando su aporte; el hombre nórdico, que hoy es maestro de acción, pero que tuvo comienzos humildes y parecía inferior, en una época en que ya habían aparecido y decaído varias grandes culturas; el negro, como una reserva de potencialidades que arrancan de los días remotos de la Lemuria; el indio, que vio perecer la Atlántida, pero guarda un quieto misterio en la conciencia; tenemos todos los pueblos y todas las aptitudes, y sólo hace falta que el amor verdadero organice y ponga en marcha la ley de la Historia.”

(Vasconcelos, 1928, p. 30)

Dedico esse trabalho à matricarca da família Machado Dias, Diva de Melo
Machado Dias (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa, agradeço a Deus por tudo que tenho conquistado profissionalmente e pessoalmente.

Sou extremamente grato ao o exemplo de garra e coragem representado na figura de Maria das Graças Machado Dias- minha mãe- e também pelo alicerce fraterno e intelectual de meu irmão Carlos Henrique.

Agradeço às minhas tias Nádia e Rosângela, minha tia do coração Lucy, meus tios Pedro e Lotário, meus primos Renato, Vito, Rafaella, Tânia, meu padrasto Wagner e meu outro irmão Alexandre, vulgo cabeça.

Sou eternamente grato às amigas e tias, Ana Navaes e Nancy Tolêdo, pelo carinho e afeto para com nossa família.

Aproveito a oportunidade para declarar minha profunda satisfação em ter uma amizade fecunda com meus amigos da época do Colégio BJ: Ricardo, Bitoca, Treloso, Diogo, Efraim, Natalia, minha cunhada Mariana, Pedro Cachorro, Thales, Mariana Arruda e Walkyria.

Agradeço à irmã do coração Priscylla Bayer, meu amigo Will, Hugo e Belly.

Agradeço, de forma geral, aos meus amigos da Universidade de Pernambuco, em especial a Josemir, Salomão, Taciana e Mirella.

Fui extremamente agraciado em ser orientando do professor Alfredo Cordiviola, o qual desde a graduação abriu-me as portas da Universidade Federal de Pernambuco, sendo o grande incentivador profissional de minha ainda curta trajetória acadêmica; exemplo de muita competência, genialidade, cordialidade e paciência. Também, não há palavras para agradecer a sua disciplina “Literatura e Sociedade”, realizada no ano de 2014, peça chave para o enriquecimento teórico desta dissertação.

Sou grato a um dos gênios doutrinadores de minha vida, professor José Alberto Miranda Poza, que sempre me incentivou e ajudou na ampliação de minha concepção sobre “as literaturas de língua espanhola” e também por ter aceitado participar do momento de qualificação e defesa de minha dissertação, com sua leitura sagaz e um olhar criterioso.

Agradeço ao professor Anco Márcio pela disciplina de Bases da Teoria da Literatura, importante para o meu enriquecimento acadêmico e pessoal.

Agradeço à professora Maria do Carmo pelo tanto que aprendi sobre as artes em sua disciplina de Intersemiose.

Agradeço ao professor Antony Bezerra pela disciplina de Metodologia da Pesquisa Literária e por participar, de uma forma modesta, de seu projeto que foi finalizado com um Encontro Acadêmico e posteriormente na publicação de um livro.

Agradeço de forma geral a todos os professores que conheci na graduação e, especialmente, ao professor Jacinto dos Santos.

Agradeço à professora Amara Cristina de Barros e Silva Botelho que acompanhou meus passos durante minha jornada acadêmica na graduação e também por ter aceitado contribuir para o nosso trabalho com bastante sabedoria e critério.

Agradeço à Universidade Federal de Pernambuco, aos coordenadores, funcionários e bolsistas do PPGL pela recepção e auxílio dedicados.

Sou grato a CAPES por um ano de bolsa concedida, que possibilitou a dedicação exigida para um trabalho desta natureza.

RESUMO

O presente estudo procura compreender a identidade cultural latino-americana através de uma análise crítica do *Ariel*, de José Enrique Rodó. Entendendo questão literária e identitária de forma associada, a teorização proposta estrutura-se no processo de interpretação das personagens shakespearinas d' *A tempestade* como um dos caminhos reveladores da realidade colonial instaurada na América Latina, revisando os novos padrões de poder econômicos impostos pela colonialidade. Dessa forma, vimos a necessidade de dialogar o pensamento rodoniano com as concepções calibanesca do escritor cubano Roberto Fernández Retamar, com o propósito de atualizar os pressupostos anti-imperialistas associados ao pensamento descolonial latino-americano. Para isso, filiamo-nos aos pensamentos desenvolvidos por Ardao (1951: 1971), Zea (1979), Halperín Donghi (1972), Renan (2003), Anderson (2003), Geary (2005), Valdés-Devés (1997:2000) e Mitre (2003), Vasconcelos (1928), Ugarte (2006), Darío (1898), Retamar (2004), Mignolo (2007: 2012), Jáuregui (2008), Santos (2003) e Quijano (2000). Portanto, entendemos o literário como uma maneira de enxergar novas perspectivas acerca da condição da identidade cultural latino-americana diante de novas dinâmicas econômicas e sociais.

Palavras-chave: América Latina; Identidade Cultural; Caliban; Ariel.

RESUMEN

Este estudio es una manera de entender la identidad cultural latinoamericana a través de un análisis crítico de *Ariel*, de José Enrique Rodó. Entendiendo la literatura y los estudios identitarios de una manera asociada, la propuesta teórica de este estudio se basa en el proceso de interpretación de los personajes shakespearianos de *La Tempestad* en una perspectiva de revelar la realidad colonial establecida en América Latina, revisando de este modo las nuevas normas impuestas por la colonialidad. Así, vimos la necesidad de un diálogo de las concepciones rodonianas con la canibalia del escritor cubano Roberto Fernández Retamar, con el propósito de actualizar los presupuestos antiimperialistas asociados con el pensamiento des-colonial latinoamericano. Para eso, asociamos nuestras reflexiones a las desarrolladas por Ardao (1951: 1971), Zea (1979), Halperín Donghi (1972), Renan (2003), Anderson (2003), Geary (2005), Valdés-Devés (1997: 2000), Mitre (2003), Vasconcelos (1928), Ugarte (2006), Darío (1898), Retamar (2004), Mignolo (2007: 2012), Jáuregui (2008), Santos (2003) y Quijano (2000). Por lo tanto, entendemos lo literario como una manera de abrir otras perspectivas sobre la condición de la identidad cultural latinoamericana ante las nuevas dinámicas económicas y sociales.

Palabras-clave: América Latina; Identidad Cultural; Caliban; Ariel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I –	15
ARIEL E SEU CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO	15
1.1- BASES DO PENSAMENTO RODONIANO	16
1.2- ARIEL E O MODERNISMO HISPANO-AMERICANO	24
1.3 A CONDIÇÃO DO HOMEM LATINO-AMERICANO: O PROBLEMA DO “PÓS- COLONIALISMO” PERANTE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL.....	32
CAPÍTULO II –	38
ARIEL: UM PROJETO NACIONAL PARA O FUTURO	38
2.1- PROJETOS E PROJEÇÕES NACIONAIS: UMA TEORIZAÇÃO SOBRE A NAÇÃO MODERNA.	39
2.2 – A BUSCA PELA “VERDADEIRA” IDENTIDADE LATINO-AMERICANA: O AMERICANISMO DE RODÓ E OS RISCOS DO “CALIBAN DO NORTE”..	50
CAPÍTULO III –	64
AMÉRICA LATINA: UMA IDENTIDADE EM CONSTANTE CONSTRUÇÃO .	64
3.1 – RESSIGNIFICANO O CALIBAN.	65
3.2 - A LEGITIMAÇÃO DO CALIBAN: SUPOSTO DIÁLOGO COM RETAMAR	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

A América Latina é um objeto de estudo bastante amplo que ainda continua sendo debatida, principalmente, se for pensada pelo viés culturalista, relacionando o literário como uma forma de ampliá-la. Desse ponto de vista, a teorização proposta estrutura-se num entendimento do continente latino-americano de uma forma globalizada, prezando por uma revisão dos novos padrões de poder e vocação mundial, convergindo na associação de uma produção literária fundamentada na reivindicação da identidade cultural. No tocante ao tema, alguns trabalhos sobre as questões identitárias mostram a literatura como um dos caminhos reveladores da realidade colonial instaurada no continente latino-americano. Esse propósito de tentar elucidar essa realidade através do posicionamento literário; denuncia todo um complexo estrutural na formação da América Latina, sendo a comédia shakespeariana *A tempestade* um dos caminhos utilizados pelos intelectuais latino-americanos para tentar revelar o que estaria por trás da descoberta do Novo Mundo e as consequências que este processo traria para os povos colonizados.

Muitos textos que se baseiam n' *A tempestade*, de Shakespeare, foram interpretados por autores que fizeram parte de Nações anteriormente colonizadas, apropriando-se das personagens shakespearianas para formular novas interpretações em relação ao processo de colonização; numa perspectiva de refletir sobre a questão da identidade cultural latino-americana e sua estreita relação com o literário representada pelas análises do *Ariel*, de Rodó, de forma que, a constituição do capitalismo colonial eurocêntrico remete a novas formas de dominação e legitimação do poder.

No primeiro capítulo, serão revisados alguns preceitos políticos e filosóficos que regem a configuração ideológica das linhas de *Ariel*. A associação do momento histórico ao texto de Rodó é determinante para a escolha do autor no que se refere à concepção filosófica presente nas linhas de sua obra, destacando a superação do Positivismo como uma forma de proclamar novas formas filosóficas e artísticas. Visto dessa forma, as questões teóricas deste capítulo, para tanto, são revisadas pelas obras do filósofo

uruguaio Ardao (1951: 1971), Zea (1979) e Rama (1998), para o entendimento das concepções filosóficas e políticas que rodam a obra de Rodó (2003), importantes componentes para entender o processo de modernização da América Latina e a implicação deste para às questões identitárias abordados no segundo capítulo.

Entretanto, para que não pareçam redundantes as teorizações feitas no primeiro capítulo, tivemos certos cuidados para que este não tratasse dos mesmos pressupostos teóricos anteriormente abordados; enfatizando, então, de uma forma mais profunda alguns questionamentos sobre o desenvolvimento do nacionalismo na América Latina, a partir dos pressupostos filosóficos europeus sobre a Nação e como chegaram ao pensamento latino-americano para a configuração do literário. Na verdade, o leitor irá perceber as tensões que envolvem a teorização deste capítulo a partir da ingerência latino-americana diante da ascensão dos Estados Unidos como uma nova potência imperialista; começando na metade do século 19 com as constantes guerras contra o México e a adoração de Sarmiento e Alberdi ao discurso utilitarista dos estadunidenses, posteriormente o levante dos intelectuais modernistas contra a onda modernizadora no final do século 19 e início do século 20, mostrando as influências deste momento na configuração identitária da América Latina teorizada a partir do *Ariel*, de Rodó. A concepção teórica, ou melhor, as concepções teóricas guias deste capítulo, prezarão na formação nacional latino-americana, a partir do entendimento das questões identitárias tratadas por Hall (2000), os pressupostos nacionais de Renan (2003), Anderson (2003) e Geary (2005), associados as concepções de Valdés-Devés(1997) e Mitre(2003); como também textos importantes para a formação identitário do mesmo período de publicação de *Ariel*, sendo importante destacar Vasconcelos(1928), Ugarte(2006) e Darío (1898).

No terceiro capítulo, serão esboçadas as potencialidades e as limitações do texto de Rodó (2003), na perspectiva de ressignificação do Caliban representada neste estudo por Retamar (2004), sobretudo, numa tentativa de atualização das questões abordadas por Rodó em *Ariel*, entendendo o que essa concepção de América Latina ainda pode nos revelar e dialogar com o entendimento da teoria colonial representada por Mignolo (2007: 2012), Jáuregui (2008), Santos(2003) e Quijano (2000).

Por fim, nas considerações finais esboçam-se algumas concepções respaldadas no literário para o entendimento da formação identitária latino-americana de acordo com as concepções arielistas e calibanesca.

CAPÍTULO I –

ARIEL E SEU CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO

No intuito de organizar e coletar algumas informações acerca do contexto político e histórico no qual se insere o *Ariel*, de José Enrique Rodó, uma boa quantidade de estudos vem sendo realizados sobre as configurações literárias do período de modernização da América Latina. A tentativa de destrinchar as influências que a literatura sofreu durante o referido período, com o nascimento de uma nova ordem colonial permitiu o florescimento de muitos estudos críticos em diversas áreas do conhecimento. É também sabido, que a teorização proposta neste primeiro capítulo mostra que a dissociação do literário com outras ciências humanas tornar-se-ia impossível para o pleno entendimento da obra analisada em questão e de toda a condição do homem latino-americano diante de um novo contexto em sua constituição histórica e ainda recente no imaginário do continente.

Entretanto, as limitações deste estudo e a impossibilidade de estender as referidas análises de uma forma minuciosa a uma realidade colonial em constante mudança; conseqüentemente os entendimentos desta também estão em construção, realizando um breve panorama que tem suas raízes fincadas no processo de formação da América Latina, utilizando do literário como uma forma de tentar elucidar os devidos entendimentos diante do agressivo processo de modernização numa perspectiva de maturidade da ordem neocolonial¹. Mesmo conscientes da limitação e das dificuldades de discorrer sobre a complexidade o fenômeno neocolonial, como algo que ainda está em constante mudança e reinvenção, certifica-se que é de suma importância teorizar sobre o referido contexto histórico numa perspectiva complementar à análise do *Ariel*, de Rodó.

¹ Halperín Donghi (1972) descreve o processo de maturidade da ordem neocolonial numa perspectiva de avanço na América Espanhola de uma economia primária e exploradora, que significa a substituição finalmente consumada pelo imposto pacto colonial pelas metrópoles ibéricas com a aberturas de seus portos para França e Inglaterra.

Então, este capítulo deve ser entendido como algo introdutório ao pensamento de Rodó, associando à obra do ensaísta uruguaio e as tensões que envolvem o processo de modernização da América Latina.

1.1- BASES DO PENSAMENTO RODONIANO

Todo o caráter simbólico presente em *Ariel* tem suas origens nas personagens shakespeariana Próspero, Caliban e Ariel, que fazem parte da comédia *A tempestade*. Cada personagem desta peça gera vastas leituras críticas em relação ao processo de colonização, sendo objeto de múltiplas interpretações com o passar dos anos. Muitos autores, especialmente os que pertencem às nações que sofreram com o processo de colonização, apropriam-se das personagens Próspero e Caliban para relatar a dicotomia entre colonizador e colonizado, elevando a personagem Ariel a uma categoria de irrelevância.

No *Ariel*, de Rodó, no entanto, as personagens shakespearianas se configuram da seguinte maneira: a existência de Próspero é apenas citada nas primeiras linhas do ensaio, porém a personagem em questão não é tratada de uma forma negativa como colonizador. Há algumas hipóteses que permeiam a metaforização de Próspero em *Ariel*: uma delas é mostrar que “esse colonizador” (Espanha) não exerce mais influência no continente latino-americano ou que a referida personagem doutrinadora seja a França representada pela figura do intelectual francês Ernest Renan, uma das principais influências de Rodó. A personagem Caliban seria o representante da vulgaridade e a mediocridade espiritual que se espalhava na América Latina, isto é, a personagem que teria aprendido os piores ensinamentos de Próspero; Ariel seria a representação da riqueza espiritual que Rodó buscava para a juventude do continente, como afirma o pensador uruguaio no seguinte trecho de sua obra:

Ariel, genio del aire, representa, en el simbolismo de la obra de Shakespeare, la parte noble y alada del espíritu Ariel es el imperio de la razón y el sentimiento sobre los bajos estímulos de la irracionalidad; es el entusiasmo generoso, el móvil alto y desinteresado en la acción, la espiritualidad de la cultura, la vivacidad y la gracia de la inteligencia, el término ideal a que asciende la selección humana, rectificando el hombre superior los tenaces vestigios de Calibán, símbolo de la sensualidad y

torpeza, con el cincel perseverante de la vida. (RODÓ, 2003, p.23-24).

A leitura de Rodó d' *A Tempestade* não gira em torno da discussão entre o colonizador Próspero e o colonizado Caliban. O processo dicotômico em *Ariel* se configura no confronto entre Caliban- Ariel, tendo como principal influência a obra do intelectual francês Ernest Renan, que durante o final do século 19 teve uma grande repercussão na América Latina. Em outras obras do ensaísta uruguaio, havia uma presença muito grande de Renan na composição literária e ideológica, mas a presença do filósofo francês se dá em primeiro plano em *Ariel*, como afirma Ardao (1971, p.66):

Pero es en Ariel donde aparece en primer plano con toda su fuerza. El título mismo del libro, alusión a un simbolismo que complementan, en el texto, los nombres de Próspero y Caliban, venía inmediatamente de los Dramas Filosóficos, sin prejuicio de su consabida fuente más lejana. Y más allá del simbolismo y del título, esenciales inspiraciones del mensaje, en su forma y en su fondo, era asimismo de Renan que venía. (ARDAO, 1971, p.66)

A influência de Renan no *Ariel*, de Rodó, não se restringe às constantes citações do ensaísta uruguaio em sua obra, a quem considera dono da arte de ensinar com graça. Na verdade, a escolha de Rodó pela personagem shakespeariana Ariel para representar a renovação espiritual da América Latina também é influenciada pela interpretação de Renan d' *A tempestade*, dando origem a concepção de democracia presente na obra do escritor uruguaio:

Sobre la democracia pesa la acusación de guiar a la humanidad, medriocrizándola, a un Sacro Imperio del utilitarismo. La acusación se refleja con vibrante intensidad en las páginas- para mí llenas de un sugestivo encanto- del más amable entre los maestros del espíritu moderno: en las seductoras páginas de Renan, a cuya y quien pienso volver a hablarlos a menudo. (RODÓ, 2003, p.63).

As obras de Renan tiveram uma grande força divulgadora no Uruguai com os intelectuais da Universidad de Montevideo (principal celeiro intelectual do país). Também pesa o fato das obras do filósofo francês serem publicadas em Paris ao mesmo período que em Montevideú, tornando-se uma das principais bases para o processo de superação do positivismo no Uruguai. A crítica à democracia nas linhas de *Ariel* também derivam das concepções de outros dramas filosóficos de Renan, porém as críticas de Rodó ao regime democrático não o faz antidemocrático ou contra a participação popular no

processo de modernização da América Latina. A crítica de Rodó em relação à democracia visa aprofundar os defeitos e virtudes deste sistema político. Para Rodó (2003), a democracia nos moldes utilitaristas atende apenas a interesses excessivamente individualistas, conduzindo a um igualismo injusto e míope, visto que sua proposta de democracia para a América Latina seria a partir de uma conscientização interna dos latino-americanos que pudesse ser considerado um processo de seleção criterioso, visando reformas profundas no âmbito político e social.

Segundo Gastemundi Fiorentino (2000, p.63), *“es muy difícil tratar de caracterizar el pensamiento de Rodó: diversidad, asistemacidad, ideas anotadas muy dispersamente, algunas contracciones e imprevisiones”*. Esta difícil caracterização e contradições presentes no pensamento de Rodó se dão devido à vastidão de leituras para a realização de sua obra e também por ser um pensador assistemático. Também, em seu plano filosófico, o ensaísta uruguaio reconhece as contribuições de outras concepções para o seu pensamento, não se resumindo às concepções de Ernest Renan, tendo como princípios basilares o pensamento grego, o espiritualismo, o cristianismo histórico; na tentativa de superação do Positivismo de Spencer.

O continente latino-americano vivia um processo de superação do positivismo, caracterizado pelos finais do século XIX, que se estende pela forte influência francesa no pensamento latino-americano. “É justo que a França-berço do positivismo- seja também o país em que o positivismo tem sido criticado mais tenaz e brilhantemente” (COLLINGWOOD, 1986, p.231). A crítica ao positivismo consagrou as melhores realizações filosóficas ocidentais ao pensamento francês durante o final do século XIX e começos do século XX, surgindo muitos movimentos filosóficos que tiveram uma grande repercussão mundial, em especial na América Latina.

Entretanto, o Positivismo que imperava no pensamento latino-americano durante o começo do século XIX com os libertadores das Américas, ainda permeava os escritos e leituras dos autores do chamado período de modernização. Assim como em todo continente latino-americano, o positivismo teve uma grande influência na formação dos intelectuais da Universidad de Montevideo. As ideais positivistas se estendem para sistema religioso, político, social e científico, não se restringindo apenas ao campo filosófico. As obras de

Auguste Comte são traduzidas em torno de 1837 e por volta de 1860 as obras de Herbert Spencer também sofrem o mesmo processo de tradução. Segundo Ardao (1951), O positivismo na América Latina não chegou de uma maneira uniforme para os meios intelectuais: na Argentina e no Uruguai a corrente filosófica foi influenciada por Spencer e no México e no Brasil por Auguste Comte.

A doutrina positivista será a expressão da transformação de toda a realidade do continente, pois para eles o Positivismo deu origem ao mundo do qual queriam fazer parte; um mundo que fosse formado por homens “positivos”, práticos e animados diante do que consideraria ideal para a salvação da América Latina. Certamente, esta corrente filosófica na América Latina é uma tentativa frustrada de continuação do legado dos libertadores e emancipadores, tendo como propósito de quebrar com a ordem colonial presente no continente, no entanto, os positivistas latino-americanos desejavam ser como os europeus e estadunidenses. Nesta tentativa de ser como os “demais”, havia um fator que não possibilitava este tão sonhado desejo, que seria a realidade encontrada pelos positivistas e posteriormente pelos modernizadores:

No es posible ser- como lo pretenderán después de los civilizadores, emancipadores mentales y positivistas- como Europa o los Estados Unidos. En esta América se han dado combinaciones raciales y culturales que lo impiden. La realidad de esta América es algo excepcional, extraordinario y complicado.” (ZEA, 1979, p.15)

A realidade encontrada pelos positivistas latino-americanos será a mesma dos libertadores e emancipadores, e conseqüentemente dos modernizadores, precisando ser transformada ou trocada por uma totalmente distinta. Apesar de tanto esforço em tentar propor as mudanças intelectuais que o continente precisaria para aquele momento, o colonialismo estava presente nestas tentativas de mudanças.

Entretanto, o Positivismo na América Latina não consegue cumprir sua missão que era de mudar a realidade colonial, porém a questão de não ter conseguido lidar com a complexidade do espírito humano foi o que mais pesou para o fracasso dessa ideologia no período de modernização.

Neste aspecto, os ideais morais que orientam o bem-estar e a interação social foram postos em voga na segunda metade do século XIX como uma maneira de introduzir uma forma mais idealista ou espiritualista de

compreensão da vida. Aliado à tentativa de mudança dos paradigmas intelectuais que rodeavam o continente latino-americano, o processo de reforma curricular da Universidad de Montevideo proposto pelo espiritualismo e pelo bergsonismo, teve no Uruguai uma grande repercussão na formulação de um pensamento filosófico autêntico, surgindo impregnado de uma liberdade criadora e universal. Neste sentido, as influências das correntes filosóficas do final do século XIX despertaram no *Ariel*, de Rodó, uma perspectiva de renovação espiritual diante do utilitarismo spenciano.

Na América Latina, havia se estabelecido uma visão empirista e utilitarista da vida, surgindo como reação e renovação a esta concepção uma abordagem filosófica que valoriza o espiritual em detrimento do material. De fato, era o renascimento de uma nova maneira de enxergar o continente latino-americano e um despertar para uma nova consciência, a partir de numa postura mais transcendente com os sentimentos mais criativos de uma filosofia espiritualista. Em *Ariel*, Rodó mostra ter um conhecimento profundo dos movimentos literários e filosóficos de seu tempo e os limites precisos de suas próprias concepções. De certo modo, a perspectiva idealista, nas concepções do ensaísta uruguaio é respaldada nos ideais gregos.

El sitio simbólico del cual venimos, en el programa de Rodó, es el modelo clásico de Occidente, la cuna griega de la civilización, que hoy se ha convertido en planetaria, es Atenas más particularmente. Y ese sitio simbólico, em verdade un vasto recinto, Rodó va a pensar un tránsito hacia una utopía rodoiana- para no evocar la expresión de "arielismo", que há sido tan usada, y mal usada por cierto, en largos debates de tanta densidade durante un siglo em América Latina. (LEÓN, 2000, p.14)

O pensamento de Rodó buscou no belo uma fonte superior de moralidade, associado a um ideal que não fosse subordinado à vida útil. Este compromisso com o belo é parte integrante de um ecletismo filosófico que aspirava conciliação entre a tradição histórica e a inovação social numa estreita relação entre a ética e a estética. Esta harmonia é uma tentativa de desenvolver o pensamento literário latino-americano, como assevera Ainsa 2000, p.100:

Para Rodó la ética en su sentido superior forma parte de la estética. Al preconizar que todo "actuar" debe ser expresión de vida en armonía con el todo, un modo de integrarse a la belleza, asume el principio de que sin estilo no hay obra literaria y que, por lo tanto, no hay posibilidad de transmitir

adecuadamente las ideas. Estilos e ideas van así juntos siendo el primero vehículo indispensable de difusión de las segundas. (AINSA, 2000, p.100)

A ética como formação da estética é uma tentativa de reivindicar o belo helênico para a literatura hispano-americana. Essa reivindicação no plano ideológico de *Ariel* mostra que o ensaísta uruguaio não consegue dissociar o estilo e as ideias, porque não basta ter as melhores ideias sem a valorização do sentimento do belo para a educação espiritual. Segundo Ainsa (2000, p.102), “el clasicista Rodó percebe la ética formada empíricamente a partir de un conjunto de reglas extraídas de la experiencia del hombre en sociedad”. De fato, Rodó em seu idealismo² acredita que estes costumes normatizados fixam os limites entre o que é e deve ser a conduta humana em sua perfeita harmonia e integração com o bem social, em que a ética e a estética sejam disciplinas complementárias e reciprocamente moderadoras.

A valorização do pensamento grego no *Ariel*, de Rodó, foi um dos caminhos encontrados para o enriquecimento espiritual dos latino-americanos. Segundo Rodó (2003, p.41), “*Atenas supo engrandecer a la vez el sentido de lo ideal y el de lo real, la razón y el instinto, las fuerzas del espíritu y las del cuerpo*”. Esta conciliação é um dos caminhos proposto para tentar reagir diante dos riscos que a modernidade oferecia para o continente latino-americano.

Outra reivindicação de Rodó em relação ao pensamento grego, pode ser percebida através da proposta do ócio criativo como ferramenta necessária para o pleno enriquecimento espiritual dos latino-americanos, ainda que essa reivindicação pareça anacrônica diante dessas realidades. Porém, diante do anseio de mudanças da realidade que se vivia na América Latina, Rodó propõe a adoção deste pressuposto em seu plano ideológico, da seguinte forma:

El ocio noble era la inversión del tiempo que oponían, como expresión de la vida superior, a la actividad económica, vinculada exclusivamente a esa alta y aristocrática idea del reposo su concepción de la dignidad de la vida, el espíritu clásico encuentra su corrección y su complemento en nuestra moderna creencia en la dignidad del trabajo útil; y entrambas atenciones del alma pueden componer, en la existencia

² “ Su idealismo, em cuanto expresión filosófica, no procede directamente de idea, como en aquel sentido metafísico, sino de ideal. Este término deriva a su vez de idea, pero aquí no como adjetivación sustantiva de idealidad. La idealidad es, para Rodó, una esfera generada por la existencia plural de ideal, que su pensamiento distingue y opone con insistencia a la realidad.”(ARDAO, 1971, p.257).

individual, un ritmo sobre cuyo mantenimiento necesario nunca será oportuno insistir. (RODÓ, 2003, p.46)

Assim, a reivindicação em relação ao “ócio criativo” é uma forma mostrar de que diante da modernização que consome todo o tempo do homem latino-americano com o trabalho útil; o tempo é um fator que deve ser controlado pelo homem, sendo soberano no que se refere ao controle sobre a sua maneira de dirigir a sua própria vida. Na verdade, quando Rodó mostra a importância do ócio como algo que tem que fazer parte da construção espiritual do povo; Rodó tenta mostrar que o trabalho na perspectiva do mundo utilitário não deixa o indivíduo tomar as rédeas de suas atividades cotidianas a partir do momento que destrói a capacidade criadora do ser humano, resumindo sua vida ao trabalho propriamente dito.

Na perspectiva do Arielismo, de Rodó, esta ideologia significou um compromisso com o toque de modernidade que não é exclusivo apenas para as artes do final do século XIX, tendo reverberado durante boa parte do século posterior em outras áreas do conhecimento. A tentativa de superar o ideal utilitarista foi uma etapa importante para um renascimento de um novo espírito que tinha como objetivo ser mais inclusivo na cultura ocidental. Além disso, a renovação da vida espiritual, cultural e política estava ligada às preocupações sobre o destino nacional, sabendo que os pressupostos em que se estabeleceu a modernização proposta pelo ideal arielista respaldaram-se de acordo com a renovação ética real, envolvendo um digno engajamento intelectual, sendo Atenas o modelo de equilíbrio entre o real e o ideal:

Atenas es el modelo utópico de José Enrique Rodó, la metáfora del equilibrio entre lo real y lo ideal, entre el instinto y la razón, entre el cuerpo y el espíritu. El espíritu de caridad y la piedad que el cristianismo incorpora a la identidad occidental deben incrustarse en la experiencia de frescura, espontaneidad y alegría- él no es un epicúreo, pero- que existe en la belleza.(LEÓN, 2000, p.23)

Essa reivindicação de Atenas como ideal utópico presente no plano filosófico do autor de *Ariel* é uma maneira de mostrar que a modernização do pensamento latino-americano proposta por Rodó passou a ser a ruptura com qualquer forma redutora de vida e dela compreendida, tendo em vista recuperar a totalidade da realidade, juntamente com a consciência desta e da experiência subjetiva; atrelada à ampliação de um despertar para uma nova

maneira de pensar como o continente latino-americano deveria se portar diante do agressivo processo de modernização.

Entretanto, a América Latina durante a virada do século XIX para o XX vivia um processo de modernização e consolidação das economias de mercado aberto, porém também é o período em que surgem novas demandas de inclusão social e política diante de novas incertezas que as consequências deste processo acarretariam para o continente latino-americano e também para o povo desta região.

Mas, o desafio de construir uma nova ordem social adequada aos preceitos das economias globalizadas, como também em coerência com o passado e com o futuro da América Latina exposto em *Ariel*; seria uma maneira de enfrentar os riscos da modernização que são presentes na constituição histórica e política, gerando incertezas perante o presente e o futuro do continente.

Diante do contexto modernizador, marcado, sobretudo, com o avanço das novas potências, das novas tecnologias e das ciências, pode se perceber que essas relações foram determinantes para mexer com o a relação entre o homem, o trabalho e a vida cotidiana. A arte, diante deste contexto, seria um subterfugio para tentar suavizar o processo de modernização, constituindo assim, a partir do Modernismo literário uma forma mais branda para encarar este processo.

A ameaça inclusa no discurso de Rodó está associada a “tempestade” e os riscos de um “naufrágio social”, ou seja, a modernização proposta pela mudança da ordem social e econômica do continente ameaçaria o modelo proposto pelo ensaísta uruguaio de sociedade baseado na subjetividade que torna a vida como uma obra de arte. Dessa forma, pode-se afirmar que o discurso artístico do ensaísta uruguaio conduz a uma afirmação ética e ao fortalecimento da ordem social. Esse caminho proposto por Rodó interroga a ordem social que estava se configurando no continente, percebendo assim um encontro de repletas oportunidades para tentar construir um futuro melhor para a América Latina.

Sendo assim, a distinção entre a arte e a vida e o belo e feio não existe sem o exercício da diferenciação destes pressupostos contidos em *Ariel*. Para tanto, a verdadeira busca por uma realidade social que fosse capaz de interagir

entre o utilitário e o espiritual mediante a produção harmônica atribuída pelos perigos de uma nova colonização; é entendida como um despertar de uma nova consciência e por profundas reformas de bases propostas na condução de um novo espírito humano. Nesta perspectiva, a construção de um discurso eclético e ao mesmo tempo autêntico e a criação de um modelo social que pudessem suprir as necessidades da América Latina estaria na apropriação das melhores realizações filosóficas e artísticas da Europa, isto é, no sentido de tentar conduzir um pensamento moderno que questionasse os novos rumos tomados pelo continente latino-americano e conseqüentemente resultante de uma produção intelectual e artística capaz de ser contemplada pelas nações que sempre foram exportadoras do intelecto para as “zonas periféricas” mundiais.

Desse modo, a tentativa de abarcar estas novas concepções seja nas formas artísticas, ou intelectuais, proclama o Modernismo Hispano-Americano como a Escola Literária que conduziu este processo de modernização e autenticação do pensamento latino-americano, desde a perspectiva da condução de novas demandas mundiais e das incertezas que cercavam a atmosfera política mundial. Com a ascensão de novas potências e a queda de Portugal e Espanha, é perceptível que a América Latina estaria numa constante busca de superação de novos obstáculos e também dos mais antigos, que têm suas raízes profundas no processo de formação do continente latino-americano, numa perspectiva entusiasta e otimista na resolução destes problemas; conseqüentemente na preocupação do que estaria por vir na configuração política e social da América Latina e seu povo.

1.2- ARIEL E O MODERNISMO HISPANO-AMERICANO

A respeito do conceito de Modernismo na América Espanhola, é de grande valia que o leitor tenha em mente que este termo não tem o mesmo sentido empregado pela Geração de 20 no Brasil³. O vocábulo Modernismo

³ Na divisão metodológica por Escolas Literárias presentes nos manuais de Histórias da Literatura, o termo equivalente à Modernismo como entendemos no Brasil é chamado na América Hispânica de *Vanguardías*. O vocábulo modernismo no Brasil surge com a Geração de 20.

sugere uma amplitude, exigindo uma atenção redobrada acerca deste conceito. Também é notório reconhecer que há por parte do leitor brasileiro e hispano-americano um desconhecimento recíproco em relação às literaturas, apesar de atualmente haver um intercâmbio maior nesta área de conhecimento. Porém, nas reflexões iniciais sobre o Modernismo, não vem ao caso teorizar sobre os motivos pelos quais este desconhecimento recíproco existe, sendo necessário constatar este fato como uma forma de tentar aprofundar o referido conceito empregado pela a Geração⁴ de José Enrique Rodó e seu *Ariel*.

O Modernismo Hispano-Americano⁵ surge por volta de 1880 e é considerado segundo a tradição teórica como o primeiro movimento artístico genuíno dos países da América Espanhola. De acordo com Oviedo (2007, p.217), “aunque sus raíces son europeas, este fenómeno florece como una profunda revolución de la conducta espiritual de los americanos.” O surgimento deste importante movimento artístico é uma forma de orientar os espíritos e inquietações de uma sociedade que estava em processo de modernização e que tentava se mostrar para o mundo, repercutindo um estado de espírito peculiar; de uma forma que mostrasse à crise da cultura ocidental conforme a superação do Positivismo na América Latina.

As constantes transformações mundiais e a busca por outros paradigmas ideológicos orientou uma nova perspectiva na tentativa de mudança da realidade provincial no continente latino-americano, que conseqüentemente, influenciaram na formação estética dos autores desta época. A realização artística do Modernismo Hispano-Americano combinou uma diversidade de estética e pensamentos que fez com que este movimento incorporasse valores de outras escolas literárias. Segundo Jozef (2005), o Modernismo incorporou algumas características de Escolas Literárias anteriores como o Romantismo. Inicialmente, o único traço comum identificado entre o Romantismo e o Modernismo foi a questão da liberdade criadora, porém Jozef (2005, p.92) vai mais além ao dizer que :

⁴ A geração que pertence Rodó é chamada a Geração de 98.

⁵ Este período de transição entre os séculos 19 e 20 ainda não foi bem delimitado e caracterizado em nossos países hispano-americanos, onde a literatura não obedece a uma ordem cronológica: há *justaposição* de correntes estéticas diante da sucessão europeia. Por isso, as fronteiras diluem-se e a terminologia varia. O que chamamos de Parnasianismo e Simbolismo, a Hispano-América chama de Modernismo.(JOZEF, 2007, p.94)

Romantismo perdura em muitos aspectos: a sensibilidade criadora, o sentimento da dor cósmica, o isolamento contemplativo, o irracionalismo, o individualismo, paixão pela morte, a religiosidade e sua postura antropológica. Mas o pessimismo transcendental e a sensibilidade mórbida que invadem o Modernismo afastam-se do cotidiano, através de uma idealização – não sentimental, como a dos românticos-, mas sensorial. (JOZEF, 2005, p.92)

Embora haja influências de Escolas Literárias anteriores na composição artística dos autores desta época, o Modernismo não se refere apenas a um movimento de cunho artístico, mas também político. Muitos autores trazem em sua obra reflexões políticas da situação da América Latina e do seu povo, assim como os poetas José Martí e Rubén Darío e o ensaísta uruguaio Rodó- autores considerados engajados politicamente-. Segundo Oviedo (2007, p.219), “sería un error reducir el modernismo a una mera corriente literaria o artística marcada por su esteticismo”. De fato, o Modernismo foi muito mais que uma corrente literária, propondo uma vasta mudança espiritual que tocou todos os aspectos da vida intelectual hispano-americana, afetando a composição artística e social.

Este impulso renovador presente na América Hispânica pode ser percebido desde a década de 80 do século XIX. Em diversos países, o alcance deste processo de renovação ficou restrito as elites locais, iniciado pelos “precursores” ou “emancipadores mentales”⁶. Esta primeira fase do Modernismo é considerada como o período formativo e os autores pertencentes à ela são os influenciadores diretos da geração liderada por Rodó e Darío. A primeira geração de modernistas ainda não tem consciência de está criando um movimento literário, embora tivessem proposto distintos caminhos para rechaçar a tradição artística presente até então; na segunda geração, Oviedo (2007) afirma que o Modernismo é o elemento aglutinador de vários autores que reconhecem Darío e Rodó como os principais líderes, isto é, a segunda geração organizou de forma manifesta novas tendências no pensar América Latina, convertendo este conceito no âmbito das letras hispano-americanas em fundamental para os estudos das literaturas em língua espanhola.

⁶ Ver em Zea, Leopoldo. 1979.

O sentimento comum nas sociedades que haviam alcançado um considerável desenvolvimento econômico devido à Revolução Industrial e a aplicação da filosofia positivista-utilitarista; acresce-se o fato em comum o “vazio”, definido por Oviedo (2007, p.223) como “desnudez y desamparo espiritual”. Esse sentimento era presente na Europa e também na América, porém o continente americano, ou pelo menos a parte Sul, ainda não havia experimentado a mesma experiência vivida pelos europeus. A grande maioria dos países da América Latina já estava independente de suas antigas colônias, principalmente os países que eram colonizados por Portugal e Espanha, isto é, a experiência do “vazio” vivenciado pelos latino-americanos era presente nos intelectuais modernistas que diante da agressividade deste processo de modernização tentaram responder de forma artística e política aos constantes câmbios sociais presente neste período, como declara Jozef, 2007, p.91:

O Modernismo foi a resposta da América hispânica aos processos de modernização do mundo ocidental, através da celebração de sua cultura, o desenvolvimento de uma ideologia do arielismo para contrabalançar o materialismo do norte e a exaltação aristocrática da vida. A corrente modernista, com sua “arte combinatória” (definição de Amado Alonso), começou a imperar desde os fins do século XIX. Unindo elementos de escolas anteriores – Romantismo, Realismo, Simbolismo -, criou novos princípios estéticos. Era o refinamento de sensações, a emoção, o efeito novo do som, luz e cor, ritmos raros e exóticos, mundo original e social. (JOZEF, 2007, p.91)

Observa-se que o Modernismo na América Espanhola se utilizou de um complexo de ideias muito vasto para tentar colocar a América Latina no hall de intelectuais e artistas, mostrando não só sua independência política conquistada no começo do século 19, mas também a emancipação ideológica da antiga Metrópole. A redução da Espanha no pensamento latino-americano em suas antigas colônias deve-se ao fato da perda do poderio militar e político na região, resultante dos processos de independência das antigas colônias. Além da acentuada crise que a Espanha vivia, a Inglaterra e a França se desenvolviam economicamente, invertendo a nova ordem econômica do capitalismo durante o processo de independência nas Américas.

Outro fator que acarretou a diminuição da Espanha no pensamento latino-americano, foram as constantes derrotas para os Estados Unidos em Cuba e no Havaí, surgindo um novo inimigo que espalharia as fronteiras de seu império para a América Latina. Apesar de a Espanha ter conquistado os mares

junto com Portugal durante o começo do século XV, essas antigas potências teriam adotado uma postura totalmente diferente em relação ao processo de industrialização, diferentemente de França, Inglaterra e Estados Unidos, acarretando uma série de problemas econômicos em nos países da Península Ibérica.

A Espanha não só caminhava para um ostracismo econômico e político, mas também artístico. Segundo Miranda Poza (2013), Darío não é apenas um dos grandes expoentes locais do Modernismo, uma vez que sua obra exerce uma influência enorme na composição artística dos Irmãos Machado⁷. As obras dos autores hispano-americanos passam a ter prestígio na antiga Metrópole e também se tornam modelos para os artistas espanhóis. Esse diálogo foi possibilitado devido à decadência de um projeto modernizador que se identificava com as concepções utilitaristas europeias, começando a ser suplantado por um componente que reconhecia a América Latina numa perspectiva de que o elemento hispano e latino são legítimos para a formação das questões identitárias latino-americanas, como afirma Devés-Valdes:

Probablemente, incluso sin saberlo, los contactos con España y un cierto espiritualismo, disonante con el proyecto modernizador finisecular, se habían mantenido a través del krausismo, particularmente en las ideas jurídicas. En diversos lugares, y de manera especial en Uruguay, Chile y Argentina, krausismo y positivismo habían coexistido, alcanzando una síntesis que por su mismo hibridismo había podido adaptarse mejor a un ambiente donde el laicismo y el catolicismo se peleaban pero coexistían. Ello muestra, por otra parte, que el positivismo sajón no fue ni tan monolítico ni tan hegemónico. (DEVÉS-VALDES, 2007, p.50)

Porém, no contexto da modernização, deve-se destacar o papel da França como principal modelo a ser seguido pelos modernistas em questão. No primeiro momento os escritores escreveram em francês, como tentativa de desvincular-se da Espanha e associar-se à França, que naquela época representava a cultura no seu mais alto ponto. Conforme Morse (2000), o termo América Latina provém da França de Napoleão III e se incorporou no continente latino-americano desde então, designando assim parte de um discurso ideológico para suposta diferenciação linguística e cultural dos povos de origem germânica, isto é, a configuração geopolítica realizada pelos

⁷ Miranda Poza(2013) se refere aos irmãos António Machado e Manoel Machado. Esses autores são os precursores do Modernismo na Espanha.

franceses é uma forma de tentar pregar uma unidade entre a Ibero América⁸ e os territórios da França no continente. Além da influência política exercida na América Latina, a França ditava as tendências artísticas e culturais do continente, como afirma Miranda Poza:

É indiscutível a primazia da América Latina deste movimento literário. Nesses países é fundamental a vontade de afastar-se da tradição espanhola e a rejeição da poesia vigente na antiga metrópole (talvez com exceção de Bécquer). Essa rejeição levou a olhar para outras literaturas, com especial atenção às correntes francesas. (MIRANDA POZA, 2013, p.188)

Diante deste contexto, a ascensão da França como potência cultural e política foi um fator chave para que as formas literárias francesas dominassem o continente latino-americano; como também as questões políticas e sociais. A aguçada consciência crítica dos artistas e intelectuais hispano-americanos está impulsionada por um processo de modernização do pensamento latino-americano, sendo um desejo de Rodó presente no *Ariel* que a sociedade do continente pudesse recuperar a harmonia perdida entre a realidade social e suas formas artísticas, estimulando pela primeira vez um conjunto de ideias e vontade de enfrentar os riscos da modernidade que avançava, baseando-se numa ideologia que não fosse apenas um disfarce dos atrasos materiais e econômicos presentes no sul do continente americano; sendo a discussão proposta por Rodó fruto de um processo de independência do continente mal resolvido, até porque havia um medo presente nestes intelectuais de que o continente se tornasse colônia novamente e a maior ameaça ao continente latino-americano eram as influências do pragmatismo ianque:

Neste sentido, o ensaio de Rodó, publicado em 1900, e o “ariélismo” que se seguiu, veio dar alento à identidade nacional latino-americana, através do fomento à busca por ideais humanísticos europeus. Combatendo o pragmatismo anglo-saxão tão presente na sociedade norte-americana, o arielismo proclamava a superioridade europeia, e, portanto, da própria América Latina, como sociedade oriunda daquele velho continente. A supervalorização de aspectos espirituais e morais pretendia compensar a debilidade material e o atraso econômico e tecnológico das sociedades latino-americanas. (SOUZA, 2003, p. 74)

⁸ Morse (2000, p.24) utiliza este termo como uma forma de mostrar que a América Latina não se resume apenas as antigas colônias de Portugal e Espanha.

O arielismo rodoniano além de negar as influências vindas do norte do continente, como será enfatizado no próximo capítulo, o interesse maior desta geração de artistas e intelectuais é mostrar o que há de melhor na América Latina. O desenvolvimento industrial e econômico sem que a população possa educar o seu espírito era o principal medo de Rodó. A reação hostil ao materialismo yanque era uma forma de mostrar que o desenvolvimento proposto para o sul do continente não se resume apenas ao desenvolvimento econômico dos países, pois o mais importante era fazer com que a população pudesse ser instruída para um futuro melhor.

Esse desejo de mudar a realidade provincial está presente na configuração histórica da América Latina, mesmo que suas obras não estivessem conseguindo atingir a camada mais popular do continente latino-americano, restringindo-se às elites locais. Porém, a tendência juvenil presente no Modernismo era uma forma de condução espiritual da sociedade, através de um projeto que visava uma elitização da população. Este projeto de modernização que germinava entre os escritores modernistas é uma etapa importante para o processo de formação intelectual da América Latina, sendo basilar para a consolidação e o entendimento atual do continente.

O lado juvenil em *Ariel* revela a nascente filosofia do século 20 baseada numa superação do positivismo, revelando uma ação inovadora no que se refere à maneira mais subjetiva de mostrar uma concepção de liberdade criadora herdada do Romantismo. O Modernismo Hispano-Americano foi entendido como neo-romantismo, isto é, a exaltação ao heroísmo de Carlyle e a herança grega como alternativa para o contexto latino-americano do final do século 20; põe em prática uma síntese de seu vitalismo numa concepção que propõe a superação e a excelência de uma tradição esteticista e tipicamente expressado pela literatura e pelas atitudes políticas latino-americanas, que se molda sobre uma tendência natural de superar a tradicional dicotomia entre o tradicional materialismo e o idealismo ontológico, expresso numa concepção aristocrática, como nas palavras de Petit, 2000, p.68:

El aristocracismo era común en los escritores de la época. En Francia, pasado el antiguo régimen y destruido el poder de la nobleza, era una ambigua respuesta al ascenso y consolidación de la burguesía y acabará siendo una de las corrientes que nutrirán a la extrema derecha europea. Parte de la misma burguesía era aristocratizante, como puede

comprovar cualquier lector de Proust. En países nuevos donde de la nobleza de sangre nunca había sido una fuerza, el aristocratismo se asociaba a los oligarquias terratenientes, pero también a los afanes de afirmación social por medio del intelecto. (PETITO, 2000, p.68)

A concepção aristocrática, no contexto modernista, está associada a uma elite estritamente meritocrática, preservando no pensamento latino-americano uma visão de evolução da sociedade. Porém, a realidade social latino-americana não permitiu que as massas pudessem atingir o nível das elites representadas pelas oligarquias locais, até porque essas demandas mais amplas só poderão ser percebidas com a reivindicação dos movimentos sindicais, do crescimento dos grandes centros urbanos e o desenvolvimento das ideias marxistas no continente latino-americano em décadas posteriores. Além disso, todos os intelectuais deste período não conseguiram viver de sua arte e a grande maioria exercia a atividade de jornalista ou burocratas nas instituições governamentais, pesando o fato de que o continente latino-americano sustentava altos índices de analfabetismo, sendo um dos motivos determinantes para a não adesão popular das obras modernistas na época em questão, como pode ser percebido nas palavras de Rama:

La situación real y patética de los escritores que fraguan el modernismo, fue la carencia de público. Aunque ellos apostaron a la creación de su propio público, sólo triunfaron tardíamente, de tal modo que sus libros, como lo prueban las tiradas las ediciones que se hicieron, no tuvieron otros lectores que los mismo miembros de los cenáculos o los destinatarios extranjeros a quienes fueron remitidos como cortesía. (RAMA, 1998, p. 94).

De certa maneira, a atividade literária ainda pertencia a uma pequena parcela da população da América Latina, isto é, quem escrevia ou lia essas obras era ainda um seletto grupo de intelectuais, que no Uruguai se restringia a Universidad de Montevideo. As difíceis condições que viviam os escritores do continente latino-americano não se resumiam apenas às questões financeiras, até porque muitos pertenciam às elites econômicas do continente e sobreviviam realizando atividades políticas e o jornalismo. É interessante ressaltar que a literatura como meio de sobrevivência era uma atividade que não era vista como profissão, o escritor tinha outras formas de sobreviver; também pesa a questão do público leitor que ainda era pouco expressivo. Mas, mesmo diante das problemáticas em relação ao público leitor, a literatura foi como um dos

caminhos utilizados pelos modernistas em questão para tentar desenvolver a consciência espiritual de acordo com um processo de elitização da América Latina.

Por fim, o Modernismo propôs um aprofundamento da cultura e de suas raízes. Desta maneira, Rodó e sua Geração estavam preocupados com o futuro da América Latina diante do inevitável processo de modernização do continente. Segundo Rama (1998, p.87), “la fórmula preferida de Rodó traduce el proyecto de su generación: de cura de las almas.”. Este projeto de curar a mediocridade espiritual presente nos latino-americanos era uma maneira de tentar instituir no continente uma sociedade que fosse capaz de pensar a América Latina como um continente que pudesse tomar novos rumos diante da agressividade do processo de modernização e contribuir com uma parcela significativa para a cultura ocidental, percebendo a chegada de um novo inimigo que ameaçaria o tão idealizado projeto.

1.3 A CONDIÇÃO DO HOMEM LATINO-AMERICANO: O PROBLEMA DO “PÓS- COLONIALISMO” PERANTE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL.

Sobre os pressupostos que envolvem a teorização do conceito de “Pós-Colonialismo” numa perspectiva formal para uma definição taxativa em relação ao referido contexto; é de grande valia para o pleno entendimento da realidade colonial que se instaurou na América Latina, outro sufixo que se refere a mesma realidade: o sufixo “Neo”. Os referidos sufixos aparecem de uma maneira latente como uma problematização da colonialidade do continente latino-americano e requer uma atenção redobrada, uma vez que são complementares e também tornam-se amplos para a concepção do fenômeno colonial.

Os dois vocábulos podem ser entendidos de modo complementar, sendo uma maneira de enxergar um continuísmo da realidade colonial expresso pelo “Pós” e também pode ser entendido como uma nova maneira de entender a configuração colonial conforme a queda de Espanha e Portugal, considerando como consequência a ascensão de Inglaterra, França e Estados Unidos; numa nova perspectiva de dominação das antigas colônias do Mundo Ibérico, sobretudo, expresso pelo sufixo “Neo”. No referido contexto, o novo paradigma mundial que surgia com as revoluções políticas e sociais durante meados dos

finais do século 19 e início do século 20 ditava novas formas de dominação no contexto latino-americano. Se antes o objetivo colonial da Península Ibérica resumia-se ao extrativismo das matérias-primas de suas colônias, tendo como segundo plano as atividades agrícolas; a nova ordem mundial imposta pelo Pós/Neo- Colonialismo sugere um domínio a partir de uma perspectiva de “zona de influência”, baseado numa óptica que visava uma dominação indireta através do poderio econômico das novas potências mundiais, ou seja, a América Latina não é uma colônia do ponto de vista governamental, porém a realidade colonial ainda persiste em suas estruturas sociais e o domínio é expresso de um modo indireto.

Sobre os sufixos Pós e Neo, no contexto latino-americano, atrelados numa perspectiva de complementação; a realidade colonial na América Latina respaldou-se no continuísmo e também numa nova maneira de dominação, instaurando-se de uma forma visível no período de modernização. Porém, o colonialismo expresso pela nova ordem mundial a partir da perspectiva do Pós e do Neo; sugere uma amplitude de significados muito grande dos referidos termos, dependendo de outros fatores para o pleno entendimento da realidade colonial no mundo durante o referido período, até porque o fenômeno colonial tem e teve suas particularidades.

O neocolonialismo expresso pelas influências externas nas oligarquias locais tem no período de modernização da América Latina uma época de maturidade. Nesta perspectiva, a teorização sobre a nova ordem mundial que se instaurava no continente latino-americano, que o *Ariel*, de Rodó, está inserido; têm suas origens na formação das nações, a partir de uma desconstrução do problemático processo de independência das antigas colônias do Mundo Ibérico, pois as colônias não ficaram totalmente independentes. Segundo Halperín Donghi(1972, p.82) “ la independencia política no debe ser a la vez económica: debe establecer con las nuevas metrópolis un lazo que sería de ilusión creer que será de igualdad.” De fato, o processo de independência na América Latina configurou-se de várias maneiras na distintas nações que compõem o continente, porém seria interessante entender de uma forma específica o processo de independência uruguaio e toda a problemática deste processo, como nas palavras de Ardao 1971, p.175:

Nuestra independencia vista como problema, lo ha sido en dos sentidos. Uno histórico, en cuanto interpretación del pasado: del proceso que condujo a ella, de sus figuras y episodios esenciales, específicamente-aunque no únicamente- la personalidad de Artigas y el significado del 25 de Agosto. Otro político, en cuanto diagnosis del presente y previsión del futuro: posibilidad o capacidad del país mantener su lograda condición de independiente. (ARDAO, 1951, p.175).

No caso do Uruguai, os problemas de ordem política e histórica expressos por Ardao (1971) configuram-se de uma maneira intimamente associada. O problema histórico deste processo de independência inclui diversos países entre eles: Espanha, Portugal, Brasil, Argentina, Inglaterra e o próprio Uruguai. O surgimento de movimentos independência por toda a América do Sul, incluindo o Uruguai, conhecido até o presente momento como a “Banda Oriental del Uruguay”, foi disputado pelos estados nascentes do Brasil, pertencente ainda a Portugal, e a República Argentina, herdeira do Vice-reinado do Prata da Espanha. Em 1816, Portugal havia recuperado a área militarmente liderado pela oligarquia bonaerense, cujo conflito foi iniciado contra a independência comandada por José Artigas; conseqüentemente o território uruguaio, ainda conhecido por “Banda Oriental del Uruguay”, e nomeado por Portugal como Cisplatina, fora anexado novamente em 1821 ao território português. O Uruguai passou a pertencer ao Brasil, quando em 1822 o país obtém a sua independência dos portugueses, passando a fazer parte do nascente Império Brasileiro, fundamentado na Constituição Imperial de 1824.

Porém, em 23 de Agosto de 1825, a elite agrária uruguaia estava querendo mudanças na relação política em favor dos grandes proprietários de Montevideú e do Brasil, organizando um movimento de libertação nacional do Uruguai e de sua incorporação às províncias argentinas; tornando-se independente com a assinatura do Tratado de Montevideú, em 1828. Além das influências dos vizinhos latino-americanos, Brasil e Argentina, as negociações do processo de independência tiveram marcante presença da Inglaterra, representada por George Canning, então chefe do Ministério do Exterior britânico.

Os problemas de ordem histórica explicitados no processo de independência e na formação do novo estado uruguaio são atrelados aos problemas políticos, como ditos anteriormente, fruto de um conchavo entre

brasileiros e argentinos; com a mediação da Inglaterra como ator principal no processo de independências da América Latina. Segundo Ardao (1971), a interpretação histórica do evento de independência constitui verdadeiramente o problema político que, em termos de formalidades intelectuais, surge também pela primeira vez na década de 70 e 80 do século XIX; determinado pelo fenômeno do imperialismo moderno. Certamente, as oligarquias locais que assumem o Uruguai estão contribuindo para uma nova ordem colonial, que proclamava os ingleses e os franceses como principais potências mundiais; a França tornar-se-ia o principal referencial artístico para os escritores modernistas. Em outras áreas do continente latino-americano, a Inglaterra exerceria a sua influência política intervencionista de forma latente no Uruguai e outros países.

Contudo, o imperialismo francês e inglês significou a instauração da nova ordem do capitalismo, pois o mercantilismo ibérico que durou até começo do século XIX não acompanhou os processos de industrialização da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos posteriormente, sendo o colonialismo expresso pelas estruturas sociais e políticas da América Latina. Segundo Mignolo (2005), a perspectiva de colonialidade expressa na história da formação da América Latina entende este processo como algo que está em constante transformação, pois o colonialismo no mundo moderno até os dias atuais sempre se reinventou juntamente com o sistema capitalista com o passar dos anos. Esta concepção que a obra do ensaísta uruguaio mostra nas linhas de *Ariel* é uma forma de inserir o continente latino-americano numa perspectiva de participação da América Latina na cultura ocidental, como expresso nas palavras de Mignolo:

La geopolítica de la división continental es clave para entender por qué << América Latina >> fue incluida en Occidente y ubicada en la periferia al mismo tiempo. El continente americano y los pueblos que vivían allí se presentaron como inferiores en los relatos europeos desde el siglo XVI hasta que la idea se modificó en Estados Unidos después de la guerra hispano-estadounidense de 1898, cuando se asignó a <<América Latina >> un papel secundario. (MIGNOLO, p.20, 2007)

O ponto de vista apresentado por Mignolo (2007) revela que a literatura hispano-americana tentou reivindicar uma identidade cultural desvinculada das antigas e das novas metrópoles da América Latina. O continente latino-americano não fora simplesmente descoberto pelos europeus, passando a

existir a partir da colonização, podendo entender esta perspectiva como uma invenção forjada das ideias ocidentais que são também parte de um processo de formação identitária na reivindicação da Europa como uma das raízes culturais para a constituição da obra de Rodó e no que ele acreditava como ideal para o desenvolvimento da América Latina.

A ordem neocolonial expressa no contexto histórico do *Ariel*, de Rodó, está respaldada numa perspectiva de trânsito intervencionista na América Latina. Segundo Halperín Donghi (1972), o intervencionismo europeu que também contou com a tutela dos Estados Unidos pode ser percebido também na Venezuela, quando o presidente Roosevelt começou com uma política de fomento às economias latino-americanas que transformaram os estadunidenses um dos principais credores do continente. Desse modo, os Estados Unidos assumiram um papel importante nas relações financeiras estabelecidas na etapa de maturidade da ordem neocolonial, com a instauração de um projeto pan-americano que encontrou resistência na Argentina e também no Uruguai, que teve como a principal voz a do autor de *Ariel*. Certamente, o trânsito intervencionista que têm suas origens no tratado de Paris, quando os Estados Unidos assumem a tutela econômica de Cuba e Porto Rico, mostrando que a política expansionista do ainda nascente império estadunidense foi o começo de uma etapa importante na relação entre o sul e o norte do continente americano, tendo consequências que se expressa de uma maneira mais latente na primeira década do século XX até os dias atuais.

O modo de vida e a literatura hispano-americana são reflexos de um contexto histórico de mudanças sociais e políticas; conseqüentemente influenciaram na forma de se pensar e viver ao longo dos tempos, sendo esse legado deixado pela obra de Rodó e a tradicional prosa modernista entendida como uma recuperação da época em que se reinsere historicamente, de modo que, a interpretação do colonialismo e seus elementos confere um novo significado ao motivo literário. Assim, ainda que reinsiram os elementos do imperialismo estadunidense da época de Rodó para os atuais dias, cada qual se realiza de seu modo e obedecendo a razões literárias e ideológicas próprias de sua época.

Dito desta maneira, a então perspectiva adotada para a organização deste primeiro capítulo, o contexto histórico e político que está inserida a obra

de Rodó, introduz algumas concepções importantes acerca da reivindicação de uma identidade cultural, que não é mais do ponto de vista do colonizador, mas a visão do colonizado perante a Europa como superior e pertencente a ela e os Estados Unidos como algo que deveria ser combatido e alertado sobre os perigos que representaria a influência estadunidense nas estruturas sociais e acadêmicas nos processos de reformas curriculares universitárias em muitas universidades da América Espanhola, como dito anteriormente.

No próximo capítulo, serão evidenciadas, portanto, as relações propostas por Rodó numa perspectiva de dialogar com algumas concepções que estão em constante construção, além de pôr em diálogo algumas das questões ideológicas presentes no período de modernização, que servem de representação para repensar os modos de vida da atual América Latina. Dessa forma, a teorização acerca da identidade cultural requer alguns outros preceitos que serão apresentados no capítulo posterior; numa visão de projeção e projeto de Rodó para a América Latina, surgindo algumas problemáticas que têm suas origens no processo de modernização do continente latino-americano como fruto de uma colonização do mundo Ibérico e posteriormente no forjado processo de independência.

CAPÍTULO II –

ARIEL: UM PROJETO NACIONAL PARA O FUTURO

Ao traçarmos um panorama histórico, ainda que brevemente, em relação às tensões políticas que envolvem o processo de modernização da América Latina numa perspectiva de associação com o *Ariel*, de Rodó; este momento de nossa investigação torna-se pertinente para que sejam discutidos alguns pressupostos que configuram como a formação das nações latino-americanas e suas respectivas identidades culturais.

O período de modernização foi um momento encontrado pelos modernistas da América Latina para tentar pensar sua própria identidade cultural e também instaurar no continente um sentimento nacionalista, que muitas vezes fora interpretado como anacrônico. Durante o final do século 19, novas demandas foram reivindicadas pelos latino-americanos, que na maioria dos casos eram descendentes diretos de europeus, como é o caso de Rodó e de tantos outros escritores modernistas que fazem parte de um novo transito migratório.

A influência migratória: eis o fato fundamental que rompe o equilíbrio, provocando a eclosão de tensões entre a velha ordem e a nova dinâmica suscitada pelo ingresso dos estrangeiros. É a partir dessa ideia elemento, para usar a conhecida expressão de Lavejoy, que irá se estruturando o discurso sobre os diversos temas tratados em *Ariel* (MITRE, 2003, p. 109).

Neste sentido, a restauração do sentimento nacional ainda precisava ser amadurecida pelos intelectuais do continente latino-americano, sendo a literatura um dos caminhos utilizados para tentar instituir o nacionalismo na América Latina. Diversas obras literárias do período de modernização do continente latino-americano, que denunciava o intervencionismo estadunidense, foram publicadas e lidas pelos meios intelectuais do continente latino americano. É interessante fazer uma ressalva que as “vozes literárias” da América Latina contra os Estados Unidos não estão restritas aos intelectuais das antigas colônias da Espanha. Os brasileiros José Verissimo e Manuel

Bonfim foram outras vozes que se levantaram contra o nascente império estadunidense e seu trânsito intervencionista no continente, porém suas respectivas obras não tiveram a mesma abrangência do *Ariel*.

Enfim, ao associarmos a literatura modernista representada aqui neste estudo pelas análises das linhas do *Ariel*, de Rodó, mostraremos o começo de uma nascente concepção nacionalista latino-americana numa perspectiva de associar a teorização sobre a nação com os preceitos identitários que fizeram e fazem parte da constituição política e literária da América Latina.

2.1- PROJETOS E PROJEÇÕES NACIONAIS: UMA TEORIZAÇÃO SOBRE A NAÇÃO MODERNA.

Em meio às constantes conturbações que envolvem a teorização do final do século XIX, a Europa e a América Latina passavam por constantes transformações, sobretudo, no que se refere ao surgimento de movimentos nacionais e nações que nasciam no Velho Mundo e no Novo Mundo. Ainda que os contornos nacionais já tivessem sido resolvidos dois séculos antes com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial Inglesa; as fronteiras latino-americanas passariam por mudanças com a queda de Portugal e Espanha, como também as europeias. Porém, não será destrinchado neste momento o processo de mudança da Europa e os contornos geográficos antes e depois das Grandes Guerras Mundiais, visto que as fronteiras da América Latina não passariam por mudanças posteriormente.

No que se refere às questões da teorização acerca da nação, é interessante ressaltar que este conceito na perspectiva atribuída à sua modernidade ainda se encontra de uma forma amplamente discutida e debatida nos meios intelectuais, sendo interessante esclarecer alguns preceitos que envolvem este tipo de teorização. De acordo com Hobsbawn (1990), o conceito de nação passou por diversos processos de significação, até porque a associação ao Estado e a língua, no sentido moderno, é vista pela primeira vez depois de 1884 no contexto da Península Ibérica. De fato, antes do referido período, o vocábulo nação significava simplesmente um agregado de habitantes num determinado território que era reconhecido por um governo central onde reconhece um governo central, sendo o Estado e seus habitantes

considerados como um todo. Mas, sabe-se que esta definição tão taxativa é bastante limitada e não atende a outros preceitos, pois existem nações que não têm um Estado, uma língua comum, ou a mesma descendência étnica. Na verdade, o vocábulo “nação” remete a outros termos como: 1. Natio-naturalidade- natureza; 2. Pátria- identidade; 3. País- língua, cultura, literatura.

De qualquer modo, ainda é intrigante falar sobre a nação e tentar teorizar sobre esta questão. Essa palavra desenvolveu-se para descrever grandes grupos que se caracterizavam de uma forma fechada. A nação no seu sentido moderno pode ser entendida de uma forma mais atual como um conceito atrelado ao seu discurso político, até porque o significado fundamental deste conceito foi propagado na literatura, sendo entendido através das questões nacionalistas, como afirma Hobsbawm:

O problema diante de nós deriva do fato de que a nação moderna, seja um Estado ou um corpo de pessoas que aspiram formar um Estado, diferem em tamanho, escala e natureza das reais comunidades com as quais os seres humanos se identificam através da história, e colocam demandas muito diferentes para estes. (HOBBSAWN, 2003,p.63)

Ao enfatizar o conceito de nação ligado à sua modernidade, este tipo de teorização mostra que às questões nacionalistas reivindicadas pela Revolução Francesa como uma forma de mostrar que a nação não se resume num pedaço de terra e fronteiras, isto é, a questão nacionalista é uma maneira de entender que a identidade cultural é parte integrante deste processo formador. Segundo Anderson (2009), a concepção da nação moderna pode ser vista como uma comunidade imaginada e como as identidades culturais são tentativas de tentar mobilizar os vínculos coletivos já existentes na formação dos Estados modernos. As nações imaginadas como comunidades são reflexos de uma tentativa de limitar as fronteiras entre os seres-humanos, pois os nacionalismos e os projetos nacionais que nascem com o Iluminismo e também se propagam nos séculos posteriores são frutos da destruição de uma legitimidade dinástica que era atribuída às questões divinas. Entretanto, dentro de sua organização comunal que há independente das desigualdades internas que possam existir, projetando a imagem de que cada cidadão faz parte de um “eu” coletivo, separado por fronteiras convencionadas; as influências em relação aos nacionalismos e as quebras dos paradigmas que envolvem a

modernidade em relação à teorização da nação podem ser percebidos através da Revolução Francesa:

A Revolução Francesa mudou tudo e ao mesmo tempo nada nessa perspectiva do passado. Especialmente na França, a propaganda política popular do período revolucionário aceitava essa representação dicotômica dos francos gauleses, mas invertia seus valores. Em seu influente panfleto sobre o terceiro estado, o teórico revolucionário Abbé Sieyès reconhecia a origem germânica da nobreza na França. O verdadeiro povo francês, de ascendência gaulesa, havia muito tolerava a opressão estrangeira, primeiro a dos romanos, depois, a dos francos. Já era de mandar aquela raça forasteira de volta para as florestas da Francônia e desenvolver a França ao terceiro estado, a única nação verdadeira. (GEARY, 2005, p.33-34)

Ideologicamente, a reivindicação nacional proposta por esse nacionalismo ia de encontro aos preceitos oficiais que pregavam a Revolução Francesa, visto que a defesa pela independência e soberania dos povos não poderiam ser negadas por uma classificação definida pela língua ou origem étnica de cada grupo de habitantes que faziam parte da França. A forma de aplicar o plano ideológico da Revolução se apoiaria em defender o bem comum em detrimento dos interesses particulares que viessem a surgir. Porém a formação nacional francesa prezou pelos princípios étnicos e também pela formação de uma única língua nacional.

Contudo, a teorização sobre a nação do ponto de vista da multiplicidade de termos que possam existir associados a ela é, sobretudo, uma transformação ao longo do tempo de produtos culturais específicos. A transformação cultural como modo de vida pode ser entendida como uma versão estetizada da sociedade, encontrada nela a unidade, imediação sensível e independência de conflitos que as associam ao fato de designar uma forma normativa de imaginar a sociedade em suas próprias condições sociais, usando-as de modo que possam ser imaginados no passado ou no futuro político reservado a estas sociedades. Em grande parte, o desenvolvimento do nacionalismo que emerge da busca política pela emancipação de grupos ou povos dominados por potências imperialistas quando se colocam de forma forçada a chegar um acordo com aqueles que dominam é uma maneira de entender a cultura em seu sentido moderno, mostrando que o desenvolvimento do nacionalismo e do colonialismo são partes integrantes de um processo formador que conferiu do ponto de vista

histórico uma visão de adaptação de vínculos primordiais a complexidade das sociedades modernas.

À medida que a nação pré-moderna dá lugar ao Estado-nação moderno, a estrutura de papéis tradicionais já não pode manter a sociedade unida, e é a cultura, no sentido comum uma linguagem, herança, sistema educacional, valores compartilhados etc., que intervém como princípio de unidade social (EAGLETON, 2003, p.42).

Igualmente, Anderson(2009) e Eagleton(2003) mostram a evolução estatal e as dificuldades em teorizar sobre esses pressupostos. Dessa forma, a associação de Eagleton(2003) em relação à questão cultural e a evolução dos pressupostos nacionais mostram que a “cultura” pode ser entendida como uma forma normativa de imaginar o Estado Moderno, isto é, uma maneira de imaginar suas próprias condições sociais a partir de modelos de pessoas que fizeram parte da constituição deste Estado e invocam a força dessas pessoas para construir o seu futuro político. Porém, a teorização sobre os pressupostos nacionais muitas vezes parecem incoerentes filosoficamente, tendo em vista não ter havido grandes pensadores nacionalistas, como afirma como afirma Anderson:

Em outras palavras, o nacionalismo, ao contrário da maioria dos outros “ismos” nunca gerou grandes pensadores próprios: nenhum Hobbes, Tocqueville, Marx ou Weber. Esse “vazio” cria certa condescendência entre os intelectuais cosmopolitas e políglotas. Alguém pode logo concluir como Gertrude Stein diante de Oakland, que não há nenhum ali ali [*no there there*]. É exemplar que até um estudioso tão simpático ao nacionalismo quanto Tom Nairn possa, mesmo assim, escrever que: “O ‘nacionalismo’ é a patologia da história do desenvolvimento moderno, tão inevitável quanto a ‘neurose’ no indivíduo, e que guarda muito da mesma ambiguidade de essência, da tendência interna de cair na louca, enraizada, nos dilemas do desamparo imposto à maior parte do mundo (o equivalente do infantilismo para as sociedades), sendo em larga medida incurável. (ANDERSON, 2003, p.31).

Talvez um dos maiores, ou o maior teórico em relação à questão da nação ligada aos preceitos dos nacionalismos tenha sido Renan, até mais lúcido que Gellner, pelo fato de questionar os preceitos que regem os movimentos nacionalistas ao perguntar sobre o que verdadeiramente constituiria uma nação, tratando de tal conceito de forma desassociada ao espírito antropológico imperialista do século XIX. Segundo Eagleton (2003), o desenvolvimento do colonialismo do século XIX mostra que a questão cultural

começa a ser respaldada no que se refere ao modo de vida e de como a nação se projeta na dicotomia entre civilizados e incivilizados, porém este processo pode ser percebido também no Império Romano, quando a palavra romano ou romanizado tinha o mesmo sentido de civilizado; quem não fazia parte do império era chamado de bárbaro e ,posteriormente, com a queda do Império estes povos passaram a ser chamados novos romanos⁹. Já Rodó reivindicava que os latino-americanos pudessem ser chamados de novos europeus, uma vez que é ressaltar interessante que as nações imperialistas sejam do período da colonização, ou da pós-colonização, são frutos de um mesmo processo de legitimação racial, uma vez que as origens dos europeus não podem ser vista como puras diante da infinidade de povos que fazem parte de sua constituição.

Essa atenção voltada exclusivamente à língua tem, como no caso da atenção exagerada à raça, seus perigos e inconvenientes. Quem se excede nessa direção é levado a se enclausurar, a se restringir a uma cultura supostamente nacional; enfurnando-se nos conventículos de compatriotas, perde o ar fresco que se respira no vasto campo da humanidade. Nada de mais danoso ao espírito, nada de mais deplorável para a civilização. Não abandonemos o princípio fundamental de que o homem é um ser racional e moral antes de ficar confinado a tal ou qual língua, antes de ser membro desta ou daquela raça, um participante desta ou daquela cultura. (RENAN, 1997, p.170)

Tratando do enclausuramento gerado por uma classificação ontológica que determina como cada ser-humano se comportará ou agirá, o conceito de comunidade imaginada atribuído por Anderson é A forma de mostrar que os Estados modernos não são mais comunidades feudais, pois até os membros das menores nações jamais se encontrarão ou nem sequer ouvirão falar de todos os habitantes que irão compor o Estado-Nação de que fazem parte, apesar de intrinsecamente os projetos nacionais afirmarem que todos tenham uma imagem de uma comunhão entre si. De acordo com Eagleton (2003), durante o século XIX, os românticos nacionalistas alemães Fichte e Herder evocam pela primeira vez na Alemanha unificada uma ideia de uma cultura que legitimava os direitos políticos em virtude de sua peculiaridade étnica. A ideia de cultura, como um conceito bastante, atrelado à cultura de identidade¹⁰,

⁹ Ver em Geary, Patrick. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*, 2005, p. 113.

¹⁰ Ver em Eagleton, Terry. *A ideia de cultura*, 2003, p. 43.

organiza-se como forma de explicar os diversos tipos de organização social de acordo com as bases nacionalistas.

Dentro desta base nacionalista, as identidades culturais são confeccionadas e convencionadas, atrelando-se à questão cultural como uma perspectiva de projeção ideológica de si e também na relação com o outro. Mais para frente, no segundo tópico, abordar-se-ia de uma forma mais profunda as questões identitárias latino-americanas e a nação seriam entendidas como um espiritual, herdado por Rodó através de Renan, mostrando que os respectivos conceitos numa ideia de globalização e legitimação ideológica do poder dicotômico entre colonizador e colonizado.

Na América Latina, o desenvolvimento do nacionalismo pode ser percebido após as derrotas de Portugal e Espanha no continente, como dito anteriormente. Segundo Anderson (2003), o surgimento de novos estados pode ser explicado a partir de duas perspectivas que, de fato, deriva dos pressupostos nacionalistas europeus da metade do século XIX. As nações da América do Norte e da América Latina não desenvolveram seu nacionalismo baseado na confecção de uma nova língua que não fosse a do colonizador, sendo o inglês, espanhol e português a herança dos colonizadores que não foi posta em questionamento nas primeiras lutas nacionais, pelo menos de uma forma geral.

O fato é que a luta nacional na América Latina, em boa parte, coincide com o início da era do nacionalismo europeu. Dessa forma, os paradigmas nacionais do Velho Mundo que chegou ao continente latino-americano são entendidos a partir de modelos visíveis oferecidos pela Revolução Francesa. As diferenças dos pressupostos nacionais da Europa e da América Latina mostra a nação como uma aspiração consciente e também como uma invenção que não seria impossível de registrar de forma exata a data de nascimento, porém no caso latino-americano as nações nascem com as independências nacionais de suas antigas Metrôpoles.

O fenômeno colonial é um dos fatores-chaves para se entender os preceitos nacionais que envolvem a formação das nações latino-americanas. Segundo Fanon(1968), a reivindicação nacional vista pelo prisma de despreparo das elites locais em conduzir o processo de independência das nações pode ser explicado pela falta de ligação entre esta elite e as massas. A

consciência nacional ou a falta dela pode ser explicado a partir da formação de uma burguesia subdesenvolvida que tenta de todas as formas ocupar o lugar dos antigos colonizadores. Segundo Fanon (1968), a economia do período de independência não é reorientada e continua sendo com o comércio de matérias-primas o principal produto de exportação e base de sustentação dos novos estados independentes.

O surgimento do sentimento nacionalista em meio aos constantes conflitos raciais e regionais foi, antes de tudo, uma tentativa de preservar os privilégios sociais herdados dos antigos colonizadores. Os movimentos hispânicos buscaram a liberdade apenas para os membros que faziam parte de sua classe: os latifundiários, os membros da nascente classe burguesa e outros aristocratas; continuavam lucrando com o mantimento das estruturas sociais, igualmente, fechadas, como no período colonial.

Os sociólogos identificam a existência de um sistema social baseado em castas, quando determinados fatores, como os laços de sangue, raça, posição econômica, religião, privilégios políticos ou econômicos inibem a ascensão de determinadas classes, na escala social. Essa era a situação herdada, de suas metrópoles, pelas colônias ibéricas do Novo Mundo, com inequívocos sinais de agravamento, pela inserção do fator social. (NOGUEIRA, 1988, p. 229)

A maior parte da população fora esquecida pelos movimentos nacionais de independência, visto que os índios, os negros e os mestiços continuavam na mesma situação social, quando as antigas metrópoles mantinham seus domínios territoriais, políticos e econômicos. É interessante ressaltar que a situação social dos mestiços era determinada pelo fenótipo e pelo grau de branquitude nos sangue desta camada da população, porém, essa parte da população que vivia na fronteira entre os brancos peninsulares e os criollos; associa-se à camada privilegiada dos grandes proprietários através de uma condição de subserviência. Segundo Nogueira(1988), os registros batismais determinavam a averiguação racial na América hispânica das características dos antepassados de recém-nascidos. A nova elite latino-americana constituiu-se da seguinte maneira: os peninsulares, que eram os espanhóis herdeiros diretos dos latifúndios, os comerciantes e os clérigos da igreja católica e os caudilhos que comandavam milícias particulares; posteriormente transformaram-se nos generais e libertadores das novas Nações. No cenário pós- independência, os estamentos sociais intermediários das elites hispano-

americanas dominavam todo o cenário político das antigas colônias. Segundo Anderson (2003), os líderes das independências estruturaram os movimentos nacionais com pouca espessura social, temendo por uma revolta dos negros e qualificando-a como mil vezes pior que uma invasão espanhola¹¹. No entanto, para tentar sanar os conflitos internos que pudessem surgir, San Martín e Bolívar mudaram de ideia em relação aos habitantes locais, pois e declaravam esses não seriam conhecidos pelas origens raciais. Os negros e os índios passariam a pertencer às nações independentes e herdariam os gentílicos delas, sendo agora chamados de peruanos, colombianos etc. Esse ambiente tornar-se-ia propício para o surgimento de novas lideranças carismáticas militares e civis, confeccionando o imaginário destas novas repúblicas, apesar de um ranço monarquista herdado pelos antigos colonizadores.

Entretanto, as nações latino-americanas ainda sofreriam com outros trânsitos intervencionistas e migratórios, gerando novas ideias e novos desafios que surgiam no período de modernização. O crescimento das zonas urbanas devido às ondas migratórias de europeus, durante o século XIX, foram fatores determinantes para a formação nacional do que se conhece atualmente por América Latina. Nesta nova fase, o continente latino-americano, mais precisamente das nações rio-platenses, como Argentina e Uruguai, teria estourado toda a expectativa de crescimento populacional, como afirma Mitre,

Ora, entre o nascimento de Rodó(1871) e a publicação de Ariel(1900), a nação argentina tinha mais que dobrado sua população, e a causa do extraordinário aumento foram as levas de imigrantes italianos, espanhóis, franceses e alemães que, nessa ordem de importância, aportaram na região do Prata. Para se ter uma ideia aproximada da magnitude desse implante demográfico, basta lembrar que, na Argentina de 1900, de cada cem habitantes cerca de quarenta e sete eram estrangeiros. (MITRE, 2003, p.110).

Esse fluxo migratório no país de Rodó foi um pouco menor, mas proporcionalmente igual ao dos argentinos. Mesmo com essa fase migratória, o Uruguai continuaria tendo uma população menor que as outras nações rio-platenses; ainda que a população tenha se multiplicado por quatro, sendo decisiva para o florescimento urbano, confrontando com a mentalidade agrária das elites criollas. De acordo com Mitre(2003), durante a década de 80, os

¹¹ Ver em Anderson, Benedict. *Comunidades Imaginas*, 2003, p. 86(Anderson *apud* Lynch, *The Spanish-American revolutions*, p. 192.)

imigrantes foram integrados de tal forma às zonas urbanas, que deixaram de ser chamados de “imigrantes” ou qualquer termo relacionado, passando a serem chamados de montevideanos. O surgimento dos grandes centros urbanos foi significativo na atuação de novos símbolos culturais destinados na configuração de identidades coletivas, gerando um aumento do proletariado urbano, em decorrência da industrialização da América Latina.

O comportamento dos donos de terras nacionais é mais ou menos idêntico ao da burguesia das cidades. Desde a proclamação da independência os grandes agricultores exigem a nacionalização das grandes explorações agrícolas. Mediante múltiplas barganhas chegam a surrupiar as fazendas outrora possuídas pelos colonos, reforçando desse modo sua influência sobre a região. (FANON, 1968, p.128).

A burguesia urbana responsável por uma quebra de paradigma na constituição social do continente latino-americano assume o poder empregando em sua atividade a agressividade do processo de modernização numa perspectiva de abarcar novos moldes de vida e de controle social. É interessante ressaltar que nesse período de modernização e de constantes mudanças políticas, sociais e artísticas, a onda modernizadora traz uma nova maneira de pensar a América Latina e os pressupostos nacionais. O pensamento latino-americano, durante o referido período, oscila entre a busca da modernização, que significaria o surgimento de um novo modelo econômico baseado na industrialização e também numa constante busca pela identidade cultural, atribuindo o referido conceito a uma forma de afloramento do desenvolvimento nacional em detrimento das influências externas da América do Norte.

Contudo, esses diversos grupos de pensadores latino-americanos, levados por suas respectivas gerações, tendências filosóficas, políticas e artísticas; acentuam de maneira latente a questão do identitário e do modernizador. Esses dois termos têm suas especificidade e merecem ser diferenciado, para entender as questões que envolvem as análises sobre *Ariel*; e suas ressignificações de acordo com cada época de origem. Em sucessivas ondas de modernização, a questão identitária surge de uma forma mais clara a partir do século XIX. De acordo com Valdés-Devés,

A comienzos del siglo XX aparece una nueva onda identitaria que cristaliza en la obra de José E. Rodó, sin menoscabo de óbvios antecedentes. El arielismo, una posición de reivindicación culturalista de lo propio, tiene expresiones

importantes, además de Uruguay, en Perú, en México, en Colombia, en Cuba y en Argentina. Florece por esa época un movimiento nacionalista que es convergente con el arielismo en Chile, Argentina y Brasil (VALDÉS-DEVÉS, p. 53 , 1997)

A questão modernizadora, tratada anteriormente no capítulo I, é vista aqui neste momento de forma associada às questões identitárias. Neste sentido, o pensamento latino-americano pode ser visto como uma tentativa de não só associar, mas de harmonizar à questão modernizadora e a reivindicação identitária dos filhos de imigrantes que fizeram parte de uma nova fase da América Latina. O fato é que a questão nacionalista pode também ser revisada através dos conceitos identitários, uma vez que o critério modernizador juntamente analisado com a reivindicação nacional da intelectualidade latino-americano é válido para o pleno entendimento e na realização de novas propostas e novos modelos sociais para o continente latino-americano.

Dessa forma, no próximo tópico será discutida de uma maneira mais profunda a questão identitária, de forma que, o desenvolvimento do nacionalismo está associado às esses pressupostos numa perspectiva de expressar os novos desafios que surgirão e os rumos intelectuais que deveram ser tomados para a discussão de velhos problemas estruturais arraigados na formação da América Latina. No que se refere ao aspecto identitário presente na teorização deste tópico, Hall (2000) mostra que a identidade cultural não pode ser vista como um conceito acabado e definitivo, principalmente se for relacionada às questões da globalização; ainda que o referido conceito esteja atrelado à um contexto histórico posterior, mostrando que a construção nacional na perspectiva da modernidade pode ser entendida como um processo em constante construção simbólica de um povo, como afirma Bhabha:

O povo não é nem princípio nem o fim da narrativa nacional; ele representa o tênue limite entre os poderes totalizadores do social como comunidade homogênea, consensual, e as forças que significam a interpelação mais específica a interesse e identidades contenciosos, desiguais, no interior de uma população. (BHABHA, p. 207, 2003).

Enfim, nacionalismo e a questão da identidade cultural, no contexto referido, mostram que este termo associa-se à questão da hibridização.

Anteriormente citado, Renan já dizia que não existem culturas e nem raças puras, desmistificando esse fato pela própria formação histórica das nações europeias pós-queda do Império Romano. Além desse fato histórico, outro também pode e deve ser levado em conta: os constantes trânsitos migratórios para o Velho Mundo, que redesenharam não só mapas europeus, como também as identidades. No Novo Mundo, a questão migratória foi decisiva para a configuração nacional, mesmo que suas fronteiras e sua língua de origem estivessem definidas; as identidades culturais são proclamadas como forma de reivindicar a nacionalidade. De acordo com Canclini,

Os estudos sobre narrativas identitárias com enfoques teóricos que levam em conta os processos de hibridação (Hannerz; Hall) mostram que não é possível falar das identidades como se tratasse de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de um etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articuladoras pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência. (CANCLINI, p. 33, 1998).

A questão identitária tratada pelo viés hibridista não se resume em apenas constatar que as identidades culturais e etnias puras. O processo de globalização é uma forma de colocar em confronto as identidades locais, tornando-as autocontidas ou que tentem se afirmar de forma radical, visto que a definição da identidade cultural é entendida por meio de um processo de abstração e imaginação, enfatizando além das definições ontológicas. Dessa maneira, as questões identitárias e os preceitos nacionais são formas associadas, pois ambas são reivindicações nacionais e esse fato é uma das questões que movem as análises deste capítulo contidas no *Ariel*, de Rodó. De acordo com Hall(2000), as raízes nacionais e de todo processo cultural de hibridização que envolve a perspectiva nacional entende a literatura como uma forma de narrar a nação. Nesse aspecto, o *Ariel*, de Rodó se encaixa perfeitamente, atribuindo uma perspectiva que vai além de um mero manifesto artístico do Modernismo hispano-americano, sendo o identitário e modernizador da seguinte forma:

- a) *Afán de seguir el ejemplo de los países más desarrollados.*
- b) *Acentuación de lo tecnológico, de lo mecánico en desmedro de lo cultural, de lo artístico, de lo humanista.*
- c) *La convicción de que son los países más desarrollados o sus*

habitantes quienes pueden en mejor forma promover la modernización de nuestros países y por ello se propician formas de intervencionismo o de radicación de ciudadanos de dichos países para que importen con ellos sus pautas culturales.

d) Énfasis en ponerse al día.

e) Énfasis en la apertura al mundo.

f) Desprecio de lo popular, de lo indígena, de lo latino, de lo hispánico, de lo latinoamericano.

g) Énfasis en la eficiencia, la productividad, en desmedro de la justicia y la igualdad.

Caracterizan al proyecto identitario, por su parte, los énfasis siguientes:

a) La reivindicación y defensa de lo americano, de lo latino, de lo indígena, de lo propio. .

b) La valoración de lo cultural, lo artístico, lo humanista en desmedro de lo tecnológico (sea por olvido o por desprecio).

c) El no intervencionismo de los países más desarrollados en América latina, la reivindicación de la "independencia" y de la "liberación".

d) Acentuación de la justicia, de la igualdad, de la libertad.

e) La reivindicación de una manera peculiar de ser, distinta a la de los países más desarrollados, en la cultura y en el tiempo propios.

f) Énfasis en el encuentro consigo mismo, con el país, con el continente.

(VALDÉS- DEVÉS, 1997, p.18)

Diante dos critérios apresentados por Valdés-Devés (1997), a tensão entre as questões identitárias e modernizadoras deixam claro que é válido ter-se em mente que a literatura produzida neste período apoia-se nestes critérios como uma forma de reivindicar uma identidade cultural de acordo com a situação econômica, política, social e artística em que vivia a geração de Rodó. Essas questões que envolvem a teorização deste tópico, serão abordadas posteriormente de uma forma mais profunda as questões identitárias em diálogo com textos publicados da mesma época de Rodó numa tentativa de complementar as discussões deste estudo.

2.2 – A BUSCA PELA “VERDADEIRA” IDENTIDADE LATINO-AMERICANA: O AMERICANISMO DE RODÓ E OS RISCOS DO “CALIBAN DO NORTE”.

O desenvolvimento do americanismo de Rodó pode ser explicado não apenas pela discussão de *Ariel*, mas complementado pela gama de textos

produzidos neste período, esclarecendo a teorização das questões identitárias latino-americanas e o fracasso ideológico e político dos movimentos nacionais de independência. Esse processo pode ser explicado pela ingerência latino-americana e a adoração ao discurso iaque de Sarmiento e Alberdi e, posteriormente, a posição contrária de Rodó e sua geração diante da onda modernizadora no final do século XIX e início do século XX.

Entretanto, as relações políticas entre América Latina e Estados Unidos se intensificam por volta de 1898, ano da independência cubana. Neste processo, a guerra contra a Espanha não foi vista por Rodó e sua geração de uma forma positiva, apesar do desejo de todos pela independência cubana da Espanha.

Os traumas causados por esta guerra não se refletem somente nos habitantes de Cuba, mas em toda a América Espanhola, visto que o novo inimigo que vinha do norte estava se desenvolvendo e estendendo as fronteiras de seu império para o sul do continente. Apesar de Rodó não citar diretamente a problemática cubana, este fato foi um dos pontos cruciais no contexto de *Ariel*, como pode ser percebido nas palavras de León, 2000, p. 15:

La guerra de Cuba desencadena entonces una crisis de identidad en Iberoamérica- inesperable del formidable movimiento del modernismo- pero también, y esto es la Generación del 98, la desencadena em España, que busca infructuosamente su lugar y su nuevo destino.

Desde esta perspectiva, Estados Unidos también es una metáfora, no se trata únicamente de una nueva especie de imperio que ingresa en la escena del mundo, se trata sobre todo un modelo de civilización, de desarrollo capitalista y de articulación de culturas. Y el desafío norteamericano, la extraordinaria metáfora de Estados Unidos, sigue despertando atención y nuestras energías com más intensidad que cien años atrás.(LEÓN, 2000, p. 15).

No processo de metaforização em *Ariel*, a personagem Caliban tem suas origens associadas às questões da vulgarização imposta pela ideologia do utilitarismo estadunidense. Segundo Ainsa (2000, p.95), *“los temores del autor de Ariel ante “la invasión de las costumbres por la multitud” y “las hordas de la vulgaridade, no suenan muy diferentes a los preocupados llamados y alertas contra la homogeneización cultural y los perniciosos efectos de la sociedad de consumo que se escucha ahora”*. Rodó, em *Ariel*, já alertava a sociedade latino-americana para os riscos do processo de modernização e para as ilusões produzidas pelo discurso dos Estados Unidos, pois o discurso que vinha do

norte e se espalhava pelo sul do continente negava os preceitos espirituais defendidos pelo ensaísta uruguaio, como por ele bem exemplificado:

El sentido y la experiencia vulgares serían suficientes para establecer por sí solos esa sencilla relación. Se imita a aquel em cuya superioridad o cuyo prestigio se cree. Es así como la visión de una América deslatinizada por propia voluntad, sin la extorsión de la Conquista, y renerada luego a imagen y semejanza del arquetipo del Norte, flota ya sobre los sueños de muchos sinceros interesados por nuestro porvenir, inspira frutivos paralelos, y se manifiesta por constantes propósitos de innovación y de reforma. Tenemos nuestra nordomanía, Es necesario oponerle los límites que la razón y el sentimiento señalan de consumo. (RODÓ, 2003, p.82-83).

A desmistificação do discurso dos Estados Unidos foi um dos caminhos utilizados por Rodó para tentar conter as influências do referido país para o continente. A atribuição de Rodó ao referir-se à sociedade estadunidense como o Caliban é uma forma de interpretar a comédia shakespeariana respaldada no que ele aprendera de pior com Próspero, visto que Caliban na obra de Shakespeare faz questão de aprender a língua de Próspero de uma forma errada e sempre rebelar-se. Também é interessante ressaltar que Miranda, filha de Próspero, reage com repulsa quando Caliban aparece para ela, porém quando Ariel é referido por Miranda ou Próspero, sua presença traz a paz, sendo o espírito preferido de ambos.

A referência metafórica de Rodó mostra a configuração sociológica da sociedade estadunidense como caricatura do utilitarismo. A imitação que os Estados Unidos adotaram faz parte do processo de colonização que foi diferente da América Latina. Os Estados Unidos quando fora explorado pelos puritanos ingleses formaram sua configuração estatal de uma forma totalmente diferente da América Latina:

Como as heterodoxas colônias puritanas da América do Norte não cumpriam nenhuma missão civilizadora ou incorporadora para uma igreja ou um Estado nas terras de origem, seu pensamento político não contém grande coisa no sentido de racionalização de uma estrutura estatal estendida de ambos os lados do Atlântico” (MORSE, 2000, p.71)

O estadunidense que Rodó trata nas linhas de *Ariel* pertence ao final do século XIX, sendo fruto do puritanismo inglês. No contexto social e político que os Estados Unidos se formaram como nação, a configuração ideológica de seus habitantes encontrou um ambiente propício para que o materialismo

individualista dos primeiros colonizadores pudesse ser desenvolvido, como afirma Commager:

Coletivamente, jamais havia experimentado a derrota, o poder despótico ou a opressão e considerava esses infortúnios peculiares ao Velho Mundo. O progresso não, para ele, uma ideia filosófica, mas um lugar-comum da experiência: ele o testemunhava diariamente na transformação de desertos em terras cultivadas, no desenvolvimento de povoados em cidades, na ascensão constante da comunidade e da nação para a opulência e o poder. (COMMAGER, 1969, p.15)

A ideia de progresso fez parte da configuração histórica e política dos Estados Unidos, a nação que surgia como nova potência mundial não havia experimentado as mesmas experiências da América Latina. O pragmatismo pregado pelos puritanos foi significativo para as concepções de Rodó acerca da configuração social dos estadunidenses, visto que as manifestações artísticas não faziam parte da formação pragmática que vinha dos puritanos ingleses, gerando uma sociedade carente de contemplação estético, como bem exemplificado por Rodó:

Su cultura, que está lejos de ser refinada ni espiritual, tiene una eficacia admirable siempre que se dirige prácticamente a realizar una finalidad inmediata. No han incorporado a las adquisiciones de la ciencia una sola ley general, un solo principio; pero la han hecho maga por las maravillas de sus aplicaciones, la han agigantado em los dominios de la utilidade, y han dado al mundo, em la caldera de vapor y em el dínamo eléctrico, billones de esclavos invisibles que centuplican, para servir al Aladino humano, el poder de la lámpara maravillosa. (RODÓ, 2003, p.88)

A carência espiritual dos Estados Unidos faz parte de um discurso ideológico que tem suas origens fincadas no processo de formação de sua nação. Segundo Darío (1898, p.1) “*el ideal de esos calibanes está circunscrito a la bolsa y a la fábrica. Comen, comen, calculan, beben whisky ya hacen millones*”. A ideia de atribuir a personagem Caliban para metaforizar o espírito utilitarista dos Estados Unidos não pertence não aparece pela primeira vez nas linhas de *Ariel*, visto que a obra de Rodó fora escrita dois anos depois da publicação do ensaio do poeta nicaraguense. De certo modo, a dicotomia entre Ariel e Caliban era uma ideia difundida pelos escritores modernistas da América Espanhola, sendo uma forma de combater a nação que surgia no norte do continente e com ideias bastante temerosas para o continente latino-americano.

Em relação aos pressupostos nacionais que envolvem a teorização do *Ariel*, de Rodó, é interessante entender que a configuração identitária proposta pelo ensaísta uruguaio não deixa claro seu ponto de partida para uma nova formação nacional latino-americano, respaldando-se no combate contra o “Caliban do Norte” e os riscos que ele representava para a América Latina. Segundo Ureña (2006), a propagação de novas ideias para o esclarecimento e o fortalecimento de uma educação do popular, em oposição à cultura antiquada e imitativa de uma ideologia que prevalecia na época colonial, remetendo a uma defesa da liberdade individual e da luta pela abolição de todas as formas de escravidão e servidão. O surgimento do genuíno sentimento americanista de Rodó, a partir de uma unidade espiritual da América, reafirma os valores filosóficos de Renan na perspectiva da nação ser entendida como um princípio espiritual e Rodó e com um ideal desinteressado:

Gran civilización, gran pueblo- en la acepción que tiene valor para la historia- son aquéllos que, al desaparecer materialmente en el tiempo, dejan vibrante para siempre la melodía surgida de su espíritu y hacen persistir en la posteridade su legado imperecedero- según dijo Carlyle del alma de su <héroes> -: como una nueva divina porción de la suma de las cosas. (RODÓ, p. 109-110, 2003).

O americanismo será a expressão do (anti) imperialismo, também em constante discussão na obra do ensaísta uruguaio, enfatizando o heroísmo presente nas concepções do francês Carlyle como uma forma de mostrar esse heroísmo, resgatando os heróis do passado como Bolívar, Artigas e Montalvo, como dito anteriormente, a partir de preceitos utópicos nacionais que respaldaram os movimentos de independência latino-americanos, mostrando o fortalecimento e uma união da América Latina contra o imperialismo ianque:

1) *La del extremo Sur, que comprende Argentina, Brasil, Chile y Uruguay, en plena prosperidad y libre de toda influencia norteamericana.*

2) *La del centro (Perú, Bolivia, Paraguay, Ecuador, Colombia y Venezuela), que goza de gran adelanto también, pero que trabajada en parte por las discordias y menos favorecida por la inmigración, sólo puede ofrecer una resistencia muy débil.*

3) *La zona del Norte, dentro de la cual advertimos dos subdivisiones:*

a) *la república de México, que progresa al igual que las del primer grupo, pero que por ser limítrofe con los Estados Unidos se encuentra atada a su política y sometida en cierto modo a una vida de reflejo,*

b) *los seis Estados de la llamada América Central (Nicaragua, Honduras, Guatemala, San Salvador, Costa Rica y Panamá),*

que con las islas de Cuba y Santo Domingo, parecen particularmente expuestos a caer en la esfera de atracción de la América Anglosajona. (UGARTE, 2006, p.14)

O quadro político apresentado por Ugarte (2006) mostra os avanços dos Estados Unidos em todo o continente latino-americano. O escritor argentino se mostra preocupado com essa situação e alerta que o imperialismo ianque não se resumirá apenas ao norte do continente, ainda que o Sul constituído pelas repúblicas rio-platenses esteja mais ou menos protegidos dessa influência saxônica dos estadunidenses, mas o perigo era iminente e o escritor argentino e o ensaísta uruguaio acreditavam piamente neste avanço imperialista. Para combater essa iminente ameaça, Ugarte (2006) propõe a união do povo americano, a partir de uma operação estratégica, mostrando uma fraternidade com os povos que estão dominados pela influência ianque.

Por outro lado, o ensaísta uruguaio soube reconhecer as qualidades artísticas e o potencial dos Estados Unidos. Rodó afirma que *“aunque no les amo, les admiro”* (RODÓ, 2003, p.89). A admiração do autor de *Ariel* em relação aos Estados Unidos mostra que o “Caliban do Norte” tem suas qualidades como nação, visto que também foi uma colônia do Velho Mundo e depois de seu processo de independência tornaram-se uma nova potência imperialista durante o período de modernização do continente americano. Também Urgate atribui um papel positivo na relação política entre Estados Unidos e América Latina, mostrando que a população estadunidense é contrária à política intervencionista no continente latino-americano:

Los que han viajado por la América del Norte saben que en Nueva York se habla abiertamente de unificarla América bajo la bandera de Washington. No es que el pueblo de los Estados Unidos abrigue malos sentimientos contra los americanos de otro origen, sino que el partido que gobierna se ha hecho unaplataforma del "imperialismo" (UGARTE, 2006, p.90)

A imponência que os Estados Unidos impuseram em seu surgimento como nação causou um espanto ao sul do continente, porém esse sentimento foi acompanhado de admiração que não se restringe a uma questão meramente política e econômica do “Caliban do Norte”. O lado artístico dos Estados Unidos também foi exaltado por Rodó e foi referência para a geração modernista da América Latina, através do poeta Edgar Allan Poe e seus

qualificados filósofos, como pode ser percebido no referido trecho do ensaio de Darío, 1898, p. 2:

Enemigos de toda idealidad , son em su progreso apoplético, pertetus espejos de aumento; pero su Emerson bien cualificado está como la luna de Carlyle; su Whitman con sus versículos a hacha, es um profeta democrático, al uso del Tío Sam; y su Poe, su gran Poe , pobre cisne borracho de pena y alcohol, fue el mártir de su sueño en su país em dondo jamás será comprendido. En cuanto a Lanier , se salva de ser un poeta para pastores protestantes y para bucaneros y cowboys, por la gota íntima latina que brilha em su nombre. (DARÍO, 1898, p.2)

A praticidade pregada pelo pragmatismo estadunidense não seria capaz de exaltar as qualidades do maior escritor de sua nação e dos grandes, sendo uma ideia democrática que considerava todos capazes de ser um filósofo, caracterizando a Filosofia como um instrumento que poderia fazer com que o homem tivesse a competência de dirigir seus próprios preceitos espirituais e materiais. A herança pragmática dos puritanos ingleses foi uma filosofia de conveniência, isto é, as ideias e ações eram julgadas de acordo com seus resultados práticos, não havendo espaço neste contexto para abstrações. Na verdade, o pragmatismo estadunidense tinha em seu plano filosófico uma concepção individualista e até mesmo otimista em relação ao destino da nação, que se apoiava na virtude de cada habitante para a construção de uma nação realmente grande e capaz de competir com outros impérios mundiais europeus. Mas, as supostas qualidades de uma ideologia voltada para o lado mais prático da vida refletem o caráter estadunidense, como nas palavras de Commager:

O fato de as qualidades do pragmatismo refletirem qualidades do caráter norte-americano tem sido, com demasiada frequência, salientado para justificar o desenvolvimento do assunto. Prático, democrático, individualista, oportunista, espontâneo, esperançoso, o pragmatismo foi maravilhosamente adaptado ao temperamento norte-americano comum. (Commager, 1969, p. 115).

Diante do exposto por Commager (1969), um questionamento em relação ao confronto entre as Américas do Norte e do Sul feito pelo filósofo mexicano Zea (2000) vem a tona: Ser como os Estados Unidos ou manter-se na barbárie? “Saxonizar-se” ou latinizar-se? O primeiro questionamento pertence aos civilizadores Sarmiento e Alberdi, mais precisamente o primeiro. O escritor argentina Domingo Faustino elabora um inventário das raças para o seu leitor compreender os elementos que compõem a sociedade latino-

americana, no geral, tendo como objetivo analisar a influência que eles exercem para executar a formulação de um novo projeto identitário de acordo com os preceitos utilitaristas dos Estados Unidos. Em parte de seu plano ideológico, o escritor argentino examina o corpo social que a colonização deixou no que se refere à formação racial de acordo com a mistura das raças.

Entretanto, em sua tentativa de dar validade científica a suas ideias, Sarmiento trata de realizar um estudo de investigação histórica, elaborando uma classificação etnológica das raças na América. Assim, Sarmiento dividirá o continente em três raças: a indígena, negra e mestiça ou mista. O branco conforme Sarmiento merecerá um estudo mais minucioso. O estudo particular e supostamente racional de cada grupo étnico (o Quechua, Guarani, a corrida Arauco-Pampa, cor diferente, ou preto) não serve para Sarmiento identificá-los de forma homogênea, inexpressiva e qualificá-los, seja como subserviente e inferior às raças brancas. Neste processo de hierarquização, Sarmiento parece simpatizar com a ideia de que os negros e indígenas são amigáveis ou predispostos ao trabalho. Segundo Zea (2000, p.6), *“Poblar esta América con sangre europeo, pensaba Sarmiento, para que se limpiase la sangre española que impulsó el dominio colonial. Era necesario terminar con la sangre española, india y africana y con su engendro: el mestizaje.”* O segundo questionamento é baseado no autor de *Ariel*, sendo fruto da desmitificação do discurso estadunidense que se espalhava para parte sul do continente. De acordo com Zea (2000, p.7), *“Ariel es el espíritu latino que enfrenta a Calibán y este es el materialismo del que hace gala la América sajona”*. O confronto proposto por Rodó é uma tentativa de combater a imitação da América Latina, dando limites ao constante crescimento da influência norte-americana, diferenciando a concepção espiritual defendida por Rodó e materialista vinda dos Estados Unidos. Eles foram seduzidos pelo discurso estadunidense e pela experiência prática que viveram quando estiveram no país norte-americano. Os dois civilizadores acreditavam na limpeza do sangue latino, trazendo “sangue novo”, como havia feito os Estados Unidos em seu pós-independência, pois as pessoas que vieram de fora para povoar o território estadunidense foram responsáveis pelo engrandecimento da nação, isto é, os latinos deveriam negar suas origens e pensar de uma forma mais prática, como os norte-americanos. Entretanto, como uma reação a essa maneira de Sarmiento de tentar limpar o

sangue latino da constituição do novo povo do continente, Rodó (2003) enfatiza que a América Latina seria um outro lugar para que as ideias europeias pudessem se propagar.

Por outro lado, o mexicano Vasconcelos (1928) inspirar-se-á nos preceitos arielistas para tentar combater o estatuto racial de Sarmiento. Para o mexicano, o sangue dos povos conquistados e as doenças congênitas impostas pelo conquistador não permitem separar o branco, o índio e o negro. Esta mestiçagem, conforme Vasconcelos, foi feita de uma forma inconclusiva nos Estados Unidos, isto é, uma fusão que parou quando o povo alcançou a sua independência, sendo a América Latina a fonte da vida e, portanto, o lugar adequado para a civilização perfeita no sentido que as raças são entendidas através de um estatuto espiritual.

Diferentemente da parte sul do continente americano, a configuração histórica e o processo de formação dos estadunidenses apoiado no utilitarismo inglês são também perceptíveis no plano religioso da referida nação. Esta configuração religiosa foi um dos pontos basilares para a concepção norte-americana em relação ao desenvolvimento econômico dos Estados Unidos. “Embora as implicações teológicas do Puritanismo se tenham desgastado no decorrer dos séculos XVIII e XIX, muitas de suas lições morais e políticas persistiram” (COMMAGER, 1969, p. 176). A não dissolução da herança puritana foi responsável pela configuração do indivíduo norte-americano, que arraigados a propósitos morais fundamentados numa constante busca pela salvação divina, a paixão pela retidão, pela justiça e sua subordinação aos fins materiais, são coerentes ao pensamento secular e reteve sua vitalidade muito tempo após terem sido esquecidos os argumentos teológicos e metafísicos que os sustinham. Segundo Halperí Donghi,

Otra orden de influencias externas, mejor arraigada en la realidad latinoamericana, son evocadas contra el avance norteamericano. Frente a él, la originalidade hispánica y católica de Latinoamérica se hace más viva: con notable ignorancia de la realidade de las cosas, ya a comienzos del siglo XX Rubén Darío, abandonando ocasionalmente su tarea de modernizador del lenguaje y la poesía hispánica para investir la representación de la entera Latinoamérica, había invocado desafiadamente frente a la otra América encarnada em Roosevelt una superioridade apoyada en el mantenimiento de la fe religiosa; por su parte, el uruguayo José Enrique Rodó había expresado en términos menos vinculados a la tradición cristiana una convicción análoga en su Ariel frente al puro espíritu aéreo y desinteresado de una Latinoamérica

simbolizada en la figura de Ariel, el materialismo de la América inglesa encuentra un símbolo en Calibán. (HALPERÍ DONGHI, p.294-295)

No Uruguai, o laicismo presente na configuração ideológica permitiu com que o processo de modernização fosse idealizado conforme os pressupostos espiritualistas de épocas anteriores, instituídos pelos positivistas da Universidad de Montevideo. Essa herança foi absorvida no plano ideológico do ensaísta uruguaio, a partir de o momento que ele menciona sua devoção ao paganismo helênico e também ao Jesus Cristo e ao cristianismo histórico respaldados na concepção de Renan. Na verdade, o plano religioso no pensamento de Rodó é visto como uma dualidade entre concepções espirituais e pelo iminente campo da razão.

Desse modo, o individualismo defendido por Rodó em *Ariel* é bem diferente da maneira adotada pelos estadunidenses, sendo possível perceber que ele tenta reivindicar uma concepção mais próxima do Romantismo numa perspectiva de liberdade criadora e subjetivismo. Na configuração ideológica do processo de modernização do continente latino-americano, há uma fuga do progresso meramente econômico, entendendo esta concepção como anti-modernidade¹². Se para serem modernos os intelectuais da América Latina precisariam adotar os preceitos do utilitarismo presente na configuração histórica dos Estados Unidos, Rodó adotou uma postura voltada para o enriquecimento intelectual do continente, sendo a individualização entendida da seguinte maneira:

Es conocida la historia de la individuación en la modernidad occidental. Si los románticos construían el yo, la individualidad, a partir del alma; si los utilitarios lo hacían a partir del interés, del cálculo racional de los intereses en el mercado, y los iluministas a partir de la razón crítica, entonces Rodó nos viene a decir que la individualidad no se debe construir- siempre ne nivel normativo- a partir de nuestra subordinación a fines únicos, exclusivos. Y en verdad la interpretación del utilitarismo como peligro, para Rodó, tiene que ver con el exclusivismo (León, 2000, p.20-21)

Ou seja, a individualidade normativa de *Ariel* está inclusa numa busca de uma utilidade, que tem um caráter transcendental às questões mercadológicas e de interesse meramente materiais. Porém, esta ideologia subjetiva de Rodó

¹² Este termo teorizado por Allegra(1981, p. 98) refere-se a configuração do processo de modernização da América Latina dissociado das questões materiais.

assume de um modo determinante a centralidade da dimensão do desinteresse e o ideal da perfeição. Segundo Rodó (2003), uma nação realmente grande enxerga o mundo de uma maneira desinteressada e dissociada de uma concepção meramente econômica. Esta ação de múltiplos fins, que a riqueza espiritual reside está localizada precisamente na diversidade dos princípios simbólicos e intelectuais do começo do século 20, mas continua sendo atual a partir do momento em que o horizonte filosófico e cultural com o qual o ensaísta uruguaio dialoga é parte integrante de um entendimento contemporâneo da mudança de uma realidade que tem suas raízes profundas no colonialismo.

Mesmo que esta reivindicação proposta por Rodó seja concebida como meramente utópica ou simplesmente distante na mudança de um paradigma social latino-americano concebido a partir das cicatrizes coloniais, o ensaísta uruguaio propõe um equilíbrio entre a liberdade criadora e os latentes processos de globalização marcados por revoluções científicas, tecnológicas e nos moldes de produção. Este equilíbrio se constrói para o autor de *Ariel* a partir de uma justa divisão entre as atividades uteis, que o ser-humano precisa para sobreviver, e um tempo livre para a contemplação das artes, denominado por ele como “trégua íntima”.

A concepção de Rodó do literário conforme o compromisso social dos escritores modernistas é fundamental para a crítica à concepção prática da vida. O mal que vinha do norte não era apenas os Estados Unidos, mas a apropriação do utilitarismo, o desprezo pelas concepções espirituais e a constante valorização do material são os principais medos de Rodó, como também a recepção deste modelo de sociedade enraizado na cultura norte-americana. Apesar de não citado diretamente a questão do imperialismo em *Ariel*, o ensaísta uruguaio não escapou do fato de que sua obra fosse entendida como protesto (anti) imperialista:

Sin embargo el poder de Estados Unidos no hizo más que crecer en el correr del siglo XX y junto con él su opuesto, el anti-imperialismo, y Rodó no pudo evitar que el público estereotipara su libro a luz de tal pugna. Quizás él mismo, por la extensión y el apasionamiento de su exposición sobre Estados Unidos creó la confusión. En todo caso es claro que la sección quinta- la más larga- no es casual, sino fruto de esa tendencia de Ariel a unir reflexión abstracta con algunos problemas de la hora americana. Los “dos sentimientos” de la carta Varona, arielismo e (hispano) americanismo, son

centrales y Estados Unidos tiene que ver negativamente con los dos: tanto con la crítica del utilitarismo como el defensa de la latinidad. (PETTITO, 2000, p. 70)

O estilo ensaístico de Rodó pertence à tradição da prosa modernista, ou seja, até certo ponto o *Ariel* é uma obra que inaugura a consciência imperialista dos latino-americanos. De forma manifesta, o ensaísta uruguaio organizou um complexo de ideias em defesa das raízes da América Latina. Essa defesa era o combate direto aos Estados Unidos, sendo um escritor com compromisso social. Apesar das discrepâncias entre a poesia modernista e o estilo ensaístico de Rodó, o ensaísta uruguaio soube reconhecer que a literatura precisa do belo para sobreviver, sabendo reconhecer o recinto da alma. Neste sentido, o Uruguai teve um destaque na literatura modernista na configuração histórica da América Latina, influenciada pelo individualismo político e laico através de uma concepção que visa um projeto de uma identidade uruguaia e consequentemente latino-americana.

Na concepção de Rodó para a definição de uma América Latina livre de acordo com o espírito de Ariel para rechaçar a mania de ser como os Estados Unidos, ou melhor, a norte-mania, que se instaurou no continente latino-americano como uma forma de conscientização e uma maneira de tentar definir uma unidade latino-americana; a partir do que seria positivo e negativo para a configuração identitária do continente, através de uma projeção e redefinição diante de um complexo cenário desde uma perspectiva da construção social da individualidade numa esfera sociocultural em que o Uruguai dos anos 900 está localizado.

O pensamento materialista que respaldou as constantes críticas de Rodó diante a formação dos Estados Unidos e a paixão que os habitantes desta nação nutrem pelos bens materiais; tem suas origens na nação que os colonizaram. Porém, Rodó (2003) reconhece que a Inglaterra não é uma nação que se constituiu apenas pela concepção puritana que visa o enriquecimento material atrelado à salvação divina. De fato, os puritanos que chegaram aos Estados Unidos foram expulsos de seu país de origem e aplicaram sua ideologia na constituição da nova nação.

Na conflituosa relação entre o Norte e o Sul do continente americano, a modernização do continente foi vista como uma constante ameaça aos

pressupostos defendidos pelo libertador Simón Bolívar e pelo constante medo das influências externas vindas dos Estados Unidos. O medo de ser como o “Caliban do Norte” também era presente na influência da língua inglesa na vida cotidiana da América Latina. Na verdade, a fobia instaurada diante à ascensão dos Estados Unidos pode ser percebida nos escritores modernistas, que tentando fugir da realidade latente do processo de modernização atrelado a uma nova ordem mundial baseada nos preceitos da globalização, fez com que muitos escritores escrevessem em francês para tentar conter os desígnios da nova potência mundial, surgindo com a queda do império português e espanhol. Mas, também é notório que alguns teóricos atribuem a esse período como um afrancesamento das formas artísticas e filosóficas da América Latina. Na verdade, o desejo de Rodó era que a América Latina fosse comparada a Paris ou Londres, ou seja, se os Estados Unidos conseguiram se comparar as duas grandes potências mundiais, o continente latino-americano poderia iguala-se também a estes países, visto que os latino-americanos na concepção de Rodó teriam esta capacidade. a partir do momento que seguisse um projeto de valorização espiritual.

No entanto, Rodó em *Ariel* deixa claro que a simbologia utilizada por ele não se reduz a meros afrancesamentos da forma artística e intelectual do continente latino-americano, visto que não era mais possível fugir da língua dos antigos colonizadores (espanhóis) e a fuga para o francês seria um caminho anacrônico na tentativa de legitimar o pensamento latino-americano numa perspectiva de configuração identitária, em meio a este tão conturbado contexto.

Portanto, esta dicotomia entre Caliban e Ariel na configuração ideológica de Rodó é um desejo e também um despertar dos artistas e intelectuais de “Nuestra América” para uma conscientização das raízes coloniais fincadas na realidade política e social do povo latino-americano. Ao comparar a América Latina com a América do Norte, o ensaísta uruguaio mostra que a “poderosa nação” do norte também teve uma experiência colonial, ainda que o processo de colonização tenha se dado de uma forma diferente, como mencionado anteriormente. De fato, a relação entre o Norte e o Sul do continente americano mostra que o modelo estadunidense de sociedade confronta com a modernização fundamentada nos preceitos espirituais, na perspectiva de Rodó. Esta configuração dicotômica entre o norte e o sul, o utilitarismo e o idealismo

revelam um contexto histórico da América Latina de transição e bastante contraste em sua configuração política e artística, sendo um dos pontos cruciais para o entendimento da obra do ensaísta uruguaio. Os Estados Unidos respaldaram-se no utilitarismo, no materialismo e no individualismo, propagando para o sul do continente um temor de uma nova nação que surgia perante as turbulências da formidável “tempestade” em que o discurso de Rodó está situado.

CAPÍTULO III –

AMÉRICA LATINA: UMA IDENTIDADE EM CONSTANTE CONSTRUÇÃO

Os constantes confrontos entre as personagens Caliban e Ariel não se restringiram apenas no contexto de modernização da América Latina. Muitas leituras acerca do processo identitário têm sido realizadas no decorrer dos anos, sendo objeto de múltiplas interpretações sobre o povo latino-americano e a condição deste. Sabe-se que a identidade cultural não pode ser entendida como algo fechado, visto que as ideias e projeções são moldadas constantemente, principalmente se forem analisadas numa inevitável perspectiva global.

A construção da identidade cultural latino-americana interpretada pelo *Ariel*, de Rodó, remete aos pressupostos idealistas baseado na Europa como principal modelo a ser seguido pelo ensaísta uruguaio, não podendo ser entendido de outra forma. Como dito anteriormente, o discurso ideológico de Rodó representa um ponto de vista aristocrático/burguês, isto é, sua vinculação ao continente europeu é uma forma de reivindicar uma identidade que também pertence ao continente latino-americano. Os intelectuais e artistas europeus exerceram uma grande influência no pensar a questão identitária latino-americana, porém no século final do século XX foi sustentada a tese de que a personagem Caliban seria o verdadeiro símbolo da condição dos habitantes de “Nuestra America”, principalmente com a ascensão do pensamento descolonial latino-americano expresso por Mignolo (2003: 2007) e Quijano (2000).

Por fim, na perspectiva adotada para a configuração ideológica deste último capítulo, serão colocados alguns contrapontos existentes entre a obra de Retamar e a de Rodó, isto é, Caliban e Ariel, ressignificando estes dois anagramas shakespearianos para uma concepção mais atual, possibilitando o entendimento deste debate que ainda se prolonga nos estudos das Ciências Humanas. Se antes Caliban representava a ascensão dos Estados Unidos

através da representação do tão criticado utilitarismo inglês; Retamar mostra outra roupagem à referida personagem e sugere uma nova concepção acerca da condição do homem latino-americano e seu passado colonial, em contraponto com a concepção arielista, de Rodó.

3.1 – RESSIGNIFICANO O CALIBAN.

É bem verdade que o *Caliban*, de Retamar, e o *Ariel*, de Rodó, apresentam perspectivas históricas e políticas diferentes, visto que há um intervalo de tempo de pouco mais de 70 anos em relação à publicação das primeiras edições de suas respectivas obras. Essas diferenças históricas na concepção de América Latina são presentes nas configurações ideológicas dos referidos autores, porém diante da complexidade do fenômeno colonial latino-americano, este tópico mostrará, de uma forma mais esmiuçada, o entendimento de Retamar sobre a condição do homem latino-americano; sua escolha pela personagem shakespeariana Caliban como representação da identidade cultural da América Latina e sua rejeição aos Estados Unidos, a partir dos preceitos da Revolução Cubana.

Entretanto, um dos primeiros aspectos que devem ser considerados para as análises iniciais é o significado da personagem Caliban representada na obra do escritor cubano. Esse processo de “(re) significação” é atribuído numa perspectiva de resgate das raízes coloniais expressas pelo suposto mito do canibal, que integra a forjada descoberta do continente latino-americano, como afirma o escritor cubano:

Caliban es anagrama forjado por Shakespeare a partir de «caníbal» —expresión que, en el sentido de antropófago, ya había empleado en otras obras como La tercera parte del rey Enrique VI y Otelo—, y este término, a su vez, proviene de «caribe». Los caribes, antes de la llegada de los europeos, a quienes hicieron una resistencia heroica, eran los más valientes, los más batalladores habitantes de las tierras que ahora ocupamos nosotros. Su nombre es perpetuado por el Mar Caribe (al que algunos llaman simpáticamente el Mediterráneo americano; algo así como si nosotros llamáramos al Mediterráneo el Caribe europeo) (RETAMAR, 2008, p. 10).

Além das obras de Shakespeare citados por Retamar, o mito do canibal¹³ como a principal origem da América Latina pode ser visto no ensaio *O canibal*, de Montaigne. O ensaio do escritor francês fora publicado antes d' *A tempestade*, sendo a origem da personagem Caliban entendida como uma espécie de menção às projeções dos europeus em relação aos habitantes locais do continente latino-americano, mais precisamente na parte central, conhecida hoje como o Mar do Caribe. Segundo Montaigne, o hábito canibal presente nas tribos americanas pode ser visto como uma barbárie diante dos olhos europeus que condenava esse comportamento, mas o ensaísta francês tenta projetar uma imagem do habitante local e seu costume de uma forma relativizada, como pode ser percebido no seguinte trecho e sua obra:

Podemos, pois, acha-los bárbaros em relação às regras da razão, mas não a nós, que os sobre passamos em toda a espécie de barbárie. Sua guerra é toda nobre e generosa e tem tanta desculpa e beleza quanta se pode admitir nessa calamidade humana; seu único fundamento é a emulsão da virtude. Não lutam para conquistar novas terras, pois ainda desfrutam dessa liberdade natural que, sem trabalhos nem penas, lhes dá tudo quanto necessitam e em tal abundância que não precisam alargar seus limites. (MONTAIGNE ,p. 230, 1972.)

Ao descrever o canibalismo dos habitantes locais do continente americano, o ensaísta francês recorre ao mito do bom selvagem de Rousseau, isto é, mesmo que o comportamento do “Outro” seja alheio à concepção de humanidade europeia; o colonialismo europeu mostrado por Montaigne revela, de forma sutil, a desigualdade da luta entre colonizador e colonizado, pois as guerras entre os supostos canibais são vistas de uma forma justa entre eles e os mesmos se utilizam das mesmas armas. Na verdade, os europeus se aliavam aos habitantes locais e provocavam guerras entre essas tribos rivais para expandir seus territórios no Novo Mundo. Essa projeção europeia dos habitantes locais da América Latina, que também pode ser percebido, através dos Diários de viagem de Bartolomeu de Las Casas e Hans Staden, sendo

¹³ O nome canibal deriva originalmente o Arawak “ caniba”, que seria a alteração de cariba, palavra pela qua los índios caribes Pequenas Antilhas se autodesignavam, e que, em sua língua específica, significaria ousado. Na boca de seus inimigos – os pacíficos de Cuba -, ao contrário, o termo tinha um valor claramente pejorativo, por conotar uma ferocidade e uma bábarie extremas. Foi por esse intermédio que Cristóvão Colombo não é apenas o descobridor da América; ele é, antes de tudo, o inventor do canibal. (LESTRINGANT, 1997, p.27)

incluídas na invenção dos canibais, visto que o segundo fora capturado pelos tupinambais e os mesmos queriam comê-lo.

Contudo, a concepção calibanesca de Retamar vai além de descrever o costume canibal dos primeiros habitantes do continente americano, representando uma parte fundamental para o entendimento da identidade latino-americana e a representação de um discurso anti-imperialista. Segundo Jáuregui (2008), o Caliban de Shakespeare tem suas origens ligadas ao canibal dos primeiros cronistas europeus no continente latino-americano, porém essa mesma personagem fora caracterizada como a ascensão das massas ao poder por Renan no século 19 e, posteriormente, pelos escritores modernistas do começo do século 20.

Na América Latina, porém, o Caliban monstruoso converte-se no símbolo de rebeldia que reivindica a descolonização da América Latina dos Estados Unidos, sendo essa simbologia representada por Retamar como uma forma de enfatizar a bravura dos canibais diante dos invasores europeus. No Brasil, a ressignificação do canibal pode ser percebida através da concepção antropofágica dos modernistas brasileiro, idealizado por Oswald de Andrade, e também por José Alencar em sua fase Indianista, descrevendo o habitante local latino-americano. Mas,

No se trata simplemente de la intertextualidad de la cultura latinoamericana, sino de re-narraciones de la identidad que se sirven de la enorme carga simbólica que significa que América fuera construida imaginariamente como una Canibalia: un vasto espacio geográfico y cultural marcado con la imagen del monstruo americano comedor de carne humana o, a veces, imaginada como un cuerpo fragmentado y devorado por el colonialismo. (JÁUREGUI, p.18, 2008)

De certo modo, a personagem shakespeariana Caliban como representante da identidade cultural latino-americana faz parte de um processo evolutivo que vai além das dimensões simbólicas do canibalismo, visto que o termo que melhor “define” essa releitura de Retamar d’*A Tempestade* seria Calibalia. Porém, qual seria a principal diferença entre canibalismo e calibanismo? De acordo Jáuregui (2008), Arens atribui os relatos sobre os canibais como um emergente questionamento sobre a razão colonial, funcionando o canibalismo como um mito sobre o colonialismo. As origens dos dois termos, citados anteriormente, são vistas de forma associadas e chegam

ao cerne da questão no que se refere aos dilemas das supostas concepções sobre os paradigmas impostos pela modernidade vigente.

Durante o começo da década de 60, quando triunfa sobre a América Latina a Revolução Cubana, há outra onda anti- Estados Unidos no continente latino-americano. O autor de *Caliban* revela que a escolha pela referida personagem, que nomeia sua obra é uma forma de tentar dá outros contornos aos constantes processos de modernização vendidos pelos Estados Unidos, enfatizando o seu imperialismo intervencionista no continente latino-americano, fazendo com que as Ditaduras Militares fossem utilizadas como resposta contra os preceitos da Revolução liderada por Fidel Castro e Che Guevarra.

As dimensões históricas do discurso de Retamar remetem a uma reflexão sobre a questão da colonialidade numa perspectiva que a personagem Caliban fosse representada como uma imagem simbólica do homem americano num espaço definido por Mignolo (2003) como “gnose limiar”. Essa concepção teórica é constituída de uma maneira que a produção do conhecimento subalterno seja entendida como um discurso sobre a conflituosa perspectiva do colonialismo moderno. De acordo com Mignolo (2003), a constituição dessa gnose limiar é uma forma de captar uma ampla gama de conhecimentos filosóficos baseados numa perspectiva de legitimação da luta contra uma ordem hegemônica imposta pela colonialidade. Neste sentido, os estudos das interpretações históricas acerca d’*A tempestade* mostram a Calibanlia como um aprofundamento dessa perspectiva. Segundo Jaurégui (2008), a perspectiva calibanesca pode ser entendida através de um estudo topológico sobre a retórica dos preceitos que tratam os espaços gnósticos como algo aberto e despossuídos; a imagem de Caliban é vista por Retamar como uma esperança indomável transportada por meio da superação da subalternidade.

Entretanto, a transcendência da subalternidade imposta pelas questões coloniais encontradas pelo pensamento latino-americano é entendida como um novo terreno epistemológico para a tentativa de descolonização intelectual, a partir de um debate sobre os preceitos do processo de globalização pós-Segunda Guerra, visto que a configuração dos estudos teóricos remete às novas formas de compreender as Diferenças Coloniais e as supostas diversidades encontradas nessa perspectiva, como afirma Mignolo:

[...] la configuración de los estudios de área, que conció com el último período de globalización (1945-1989), puso en primer plano, por un lado , nuevos significados para comprender <<otras lenguas>> y, por otro, <<culturas extranjeras>>. Comprender la diversidad y las lenguas y conocimientos subalternos se convierte en el problema fundamental, ya que implica no sólo la actitud del sujeto que trata de comprender sino también por qué presupone la idea de que esas lenguas y conocimientos son comprensibles. (MIGNOLO, 2003, p.296).

Nesta concepção apresentada por Mignolo (2003), as diversidades teóricas expressas, por meio de sua perspectiva descolonizadora, aludem novas maneiras de pensar as diversidades culturais e étnicas, ou seja, essa suposta compreensão poder ser entendida como uma forma de expor a problemática da diversidade global imposta pela globalização. Segundo Quijano (2000), um dos pontos fundamentais para o processo de globalização estaria baseado na reinvenção do capitalismo e suas facetas colônias como alicerce de um constructo mental expresso pela classificação social da população mundial, sobretudo, pensando pelo véis da ideia de raça:

La idea de raza, en su sentido moderno, no tiene historia conocida antes de América⁵. Quizás se originó como referencia a las diferencias fenotípicas entre conquistadores y conquistados, pero lo que importa es que muy pronto fue construida como referencia a supuestas estructuras biológicas diferenciales entre esos grupos. La formación de relaciones sociales fundadas en dicha idea, produjo en América identidades sociales históricamente nuevas: indios, negros y mestizos y redefinió otras. Así términos como español y portugués, más tarde europeo, que hasta entonces indicaban solamente procedencia geográfica o país de origen, desde entonces cobraron también, en referencia a las nuevas identidades, una connotación racial. (QUIJANO, 2000, p.246-247)

Esse pensamento de Quijano (2000) remete ao conceito de diferença colonial abordada por Mignolo (2003). A referida perspectiva de Mignolo (2003) mostra que a atuação dessa nova ordem colonial conceituada como colonialidade do poder são visíveis nas concepções Ocidentalista enfatizadas por Said (1995). Esse processo de construção do imaginário dominante do mundo moderno, articula e acentua a ordem colonial em escala global, até porque a colonização é vista como um projeto totalizador:

*A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas; são também crentes que trouxeram*

nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer. (BOSI, 1992, p.15).

À medida que as relações sociais entre o colonizador e colonizado estavam se configurando, essa dicotomia imposta pela dominação colonial foi associada de forma hierárquica e construída baseada numa identidade racial. Neste aspecto, colonialidade do poder de Quijano (2000) age numa espaço onde as histórias locais fomentam os projetos globais, sendo forçados a se adaptarem ou serem rejeitado pelas ações dos colonizadores. De fato, a relação entre as personagens Próspero e Caliban é legitimada por Retamar como principal símbolo das raízes colonais expressas na América Latina:

Nuestro símbolo no es pues Ariel, como pensó Rodó, sino Caliban. Esto es algo que vemos con particular nitidez los mestizos que habitam estas mismas islas donde vivió Caliban: Próspero invadió las islas, mató a nuestros ancestros, esclavizó a Caliban y le enseñó su idioma para entenderse con él: ¿Qué otra cosa puede hacer Caliban sino utilizar ese mismo idioma para maldecir, para desear que caiga sobre él la «roja plaga»? No conozco otra metáfora más acertada de nuestra situación cultural, de nuestra realidad. (RETAMAR p. 25-26).

A escolha de Retamar pela personagem Caliban na configuração identitária da América Latina é uma forma de pensar as diferenças coloniais de uma forma mais profunda. De acordo com Mignolo (2003), a ordem colonial sofre mudanças com o passar do tempo e a construção do imaginário colonial moderno é realizada em escala global. Essa perspectiva teórica é vista na confecção identitária latino-americana, remetendo a uma Semiose Colonial que evidencia, de fato, um conflito entre o local e global. O viés eurocêntrico que evidencia a colonialidade do poder de Quijano (2000), mostra que “o problema central das interações globais atuais é a tensão entre a homogeneização cultural e a heterogeneização cultural” (APPADURAI, 1994, p.311). Essas tensões são responsáveis pela formação identitária da América Latina, a partir de um discurso de protesto contra os antigos colonizadores e a evolução do sistema colonial moderno que são acompanhados pelo capitalismo, em contraponto com uma luta constante contra as desigualdades sociais, como afirma Santos:

En suma, para Martí el reclamo de igualdad sustenta la lucha contra la diferencia inequitativa tanto como el reclamo de la diferencia sustenta la lucha contra la igualdad inequitativa. La única legítima canibalización de la diferencia (la antropofagia

de Andrade) es aquella de los subalternos porque sólo a través de ésta Calibán reconoce su propia diferencia de cara a las diferencias inequitativas que le han sido impuestas. En otras palabras, la antropofagia Andrade digiere de acuerdo con sus propias entrañas. (SANTOS, 2009, p.241)

Além de revelar essa evolução do imaginário ocidental perante a zona periférica que a América Latina é representada pela ordem vigente, a personagem Caliban traz à tona uma significação interessante no que diz respeito ao idioma europeu aprendido pelos habitantes locais. Pode-se dizer que Calibanlia seria o ato de vomitar a língua do colonizador (Prospero), até porque Caliban além de amaldiçoar Prospero ele faz questão de falar sua língua de uma forma errada, como ato de rebeldia. Porém, as configurações das identidades culturais no confronto entre Caliban e Prospero passam por um processo de construção histórica.

La identidad es producto de procesos históricos que han depositado una infinidad de rastros sin dejar un inventario. El canibalismo es en el caso latino-americano acaso uno de los índices privilegiados a través de los cuales puede delinearse un inventario de trazos en la conformación palimpsésica de la(s) identidad(es) latinoamericana(s); un índice que, lejos de ser una lista exhaustiva, es una maraña de huellas para travesías que pueden hacer visibles (hacer brillar de manera fugaz) determinadas interrelaciones histórico-culturales (JÁUREGUI, 2008, p.25.)

Dentro das origens que constituem a formação histórica da América Latina, as formas de controle e exploração dos meios de produção foram articuladas em torno do capital-salário e das leis do mercado financeiro. Eles foram incluídos como instrumento de escravidão e servidão a produção industrial. Neste quadro, essa forma de controle dos meios de produção foi uma mera extensão do seu passado histórico. Segundo Quijano (2000), a dinâmica econômica latino-americana tem suas origens na produção de riqueza para o mercado mundial, sendo articulado um novo padrão global de controle que transformam as economias do Terceiro Mundo em estruturas dependente. Essa dinâmica não é só por causa de seu lugar e função como partes subordinadas de um todo maior, mas sem perder suas características específicas e sob a reserva das discontinuidades, é vista como uma forma de preencher novos papéis e novas funcionalidades em suas configurações histórico-estruturais.

Assim, a obra de William Shakespeare é vista como os primórdios desse colonialismo e tornou-se um artefato cultural para a imaginação da América Latina. Porém, *A Tempestade* entrelaça três outros atos fundamentais: a aventura de um grupo de nobres náufragos em uma ilha onde Prospero vive no exílio com sua filha Miranda; o drama político de Prospero, o resultado da usurpação do duque de Milão pelo seu irmão e a história de amor entre Miranda e Ferdinando (filho do rei de Nápoles). No entanto, a imagem de Caliban, Ariel e Prospero dominam o debate em torno das análises do colonialismo, sendo as leituras da América Latina em torno dessas três personagens: Ariel, um ser etéreo que serve Próspero, Caliban (anagrama de canibal), um escravo monstruoso que se rebela contra a autoridade de Prospero e também passa a ser considerado um símbolo da luta contra a dominação de todos que estão às margens do capitalismo colonial e que lutam pela liberdade diante de um discurso hegemônico imposto não apenas por uma visão eurocêntrica tão enfatizada por Quijano (2000), mas a partir de novas formas de dominação impostas pelos Estados Unidos.

Cada modo utilizado para caracterizar o processo político latino-americano é uma forma de construção de um processo identitário, sendo uma tentativa de conquistar em termos de direitos políticos e civis, a necessária redistribuição do poder, dos quais os preceitos da descolonização podem ser visto através de uma nova maneira de pensar a identidade cultural construída pela *intelligenza* latino-americana, a qual é fruto de um processo em constante construção. Esses processos de contribuições identitárias, aqui representados pelas interpretações de Retamar e Rodó, podem ser vistos sob os dois véis de forma complementar, até porque ambos têm um inimigo em comum e de qualquer forma são visões teóricas localizadas.

Mesmo com o passar dos anos de publicação da obra de ambos, essas concepções ainda reverberam na constituição da América Latina. Segundo Mignolo(2003), a abertura para variadas identidades que emergem na formação latino-americana podem ser vistas pela metamorfose de dois conceitos: a questão da hibridização e da criouliização. O primeiro conceito foi trabalho no capítulo anterior, porém o segundo é concebido como uma forma de rearticulação de projetos globais (tidos como hegemônicos devido à sua origem a partir dos grandes centros consumidores e detentores dos meios de

produção) e as histórias globais vistas sobre a perspectiva visível que não revela o domínio do imaginário colonial moderno.

Diante de uma tentativa de exemplificar os preceitos teóricos que envolvem as análises da interpretação calibanesca, de Retamar, na reivindicação de uma produção intelectual latino-americana fora dos padrões acadêmicos eurocêntricos, que a onda descolonizadora liderada por Quijano e Mignolo na América Latina expõe sobre a questão do identitário em meio aos constantes processos de globalização: ora no começo do século 20 com os filhos das primeiras ondas migratórias pós-independência, ora com o começo da Guerra Fria e o impacto no pensar o lugar do continente latino-americano e da produção acadêmica e artística desta parte considerada periférica do globo, principalmente, perante as constantes mudanças das várias ordens vigentes.

A forma de representação das personagens Caliban, Prospera e Ariel mostra que a interpretação caribenha de Retamar pode ser vista como uma possibilidade de atribuir novas maneiras de enxergar a América Latina, até porque o sistema colonial moderno é parte integrante do capitalismo que com o passar dos anos não permaneceu estático e não há como negar que tanto discurso de Rodó, como o de Retamar são frutos de seus períodos históricos e políticos. No entanto, depois de cem anos das diversas interpretações sobre *A tempestade*, de Shakespeare, os entendimentos sobre a condição latino-americana continuam os mesmos?

Antes de entrar no debate sobre as concepções de América Latina de Retamar em contraponto com as de Rodó, o leitor terá que ter em mente que o objeto de estudo deste trabalho, é na verdade, a obra do escritor uruguaio. A apresentação da visão do escritor cubano acerca do que ele entenderia como América Latina é uma forma de situar o *Ariel* diante a complexidade e a evolução das formas de dominação do sistema colonial moderno.

No próximo tópico, abordaremos de uma forma esquemática, as leituras de Retamar e Rodó. Essas duas visões refletem as configurações identitária latino-americana e são formas que estão em constante construção. Na verdade, classificar de uma forma taxativa tal personagem pode ser visto como o “verdadeiro símbolo” de uma identidade cultural é acreditar na formação identitária como algo fechado e encerrado.

3.2 - A LEGITIMAÇÃO DO CALIBAN: SUPOSTO DIÁLOGO COM RETAMAR

Para esse último tópico, o leitor irá perceber que as duas propostas sobre a América Latina não se resumem em afirmar qual a personagem d' *A tempestade* que melhor responde sobre os preceitos identitários latino-americanos. Como dito anteriormente, pode-se dizer que: Retamar mostra a personagem Caliban como o “verdadeiro símbolo” e suas referências aos primeiros habitantes de *Nuestra América*; por outro lado, Rodó meio século antes ressalta a possibilidade de Ariel ser a identidade latino-americana baseada na encarnação do espírito europeu.

Embora pareçam concepções opostas de América Latina, separadas historicamente por mais de meio século de diferença de publicação dos textos originais, as concepções arielistas e calibanescas representadas por Rodó e Retamar são representações das amarras coloniais presentes na configuração política e social do continente latino-americano. No capítulo anterior, o leitor pode perceber que a personagem Ariel, representado por Rodó (2003) como símbolo de toda a idealidade europeia e a nobreza de espírito no período de modernização, entra em confronto com a interpretação de Retamar no que se refere sua perspectiva de ressignificação do mito do canibal, evidenciando sua visão do continente latino-americano respaldada na figura de Caliban.

Através destes supostos problemas históricos, a representação latino-americana pode ser percebida desde a forjada perspectiva do descobrimento até os dias de hoje, estendendo o debate destes pressupostos de uma forma complementar, como afirma Zea:

Nuestra América enfrenta ahora problemas que tienen su origen en los inicios del siglo XX y que fueron expresados en el Ariel de José Enrique Rodó. Estos conflictos fueron motivados por la expansión estadounidense sobre la totalidad de América Latina, que convirtió en pátio trasero del nuevo imperio. Dos guerras mundiales, iniciadas en Europa, transforman a Estados Unidos en un imperio cuya globalización le disputó la Unión Soviética durante la Guerra Fría, que terminó en 1989 por decisión unilateral de Gorbachov, ex-líder de la antigua URSS. El interés de que su Pueblo no hiciera más sacrificios termina originando la desarticulación del país, provocando que Estados Unidos se presente como pleno triunfador y conductor de la tierra. (ZEA, 2000, p.7)

Na proposição do diálogo entre a obra do escritor cubano e do ensaísta uruguaio, neste primeiro momento, a teorização mostra-se dentro da perspectiva histórica que envolve a publicação dos dois textos. As duas obras são frutos de momentos de efervescência política da América Latina: a primeira onda modernizadora contra o avanço dos Estados Unidos na América Latina e mais tarde a Revolução Cubana como uma forma de combater a invasão estadunidense desde 1898. O entusiasmo da Revolução liderada por Fidel e Guevara não se comparam com os problemas do continente latino-americano vivenciados pela geração de Rodó, pois a Independência Cubana foi mais um desastre na concepção do ensaísta uruguaio e vista de uma forma negativa, devido à ascensão dos Estados Unidos e de todo o perigo que representaria a nação do Norte para a parte Sul do continente.

No período de publicação da obra de Retamar, o imperialismo estadunidense já havia sido consolidado pelas duas Grandes Guerras Mundiais, principalmente a Segunda. É possível observar que a construção do Caliban, de Retamar, como uma forma de rechaçar um processo de globalização imposto por uma ideologia hegemônica, a partir dos Estados Unidos, reflete uma forma de pensar as condições do capitalismo moderno, diante de um confronto entre o hegemônico e o contra-hegemônico. Segundo Santos (2009), a maioria dos autores entende a globalização de um único aspecto e não leva em conta a dicotomia entre globalização hegemônica e globalização contra-hegemônica, em vista de que é muito limitado entender esse processo contra as supostas ideologias hegemônicas como apenas resistências locais e localizadas. A elavação da condição global para uma concepção mais ampla é uma forma de mostrar que a visão do colonizador não pode ser soberana, visto que a globalização não existe de uma maneira isolada. De acordo com Santos (2009), o processo de globalização deve ser entendido de forma plural, utilizando o referido termo como “globalizações” para designar a capacidade de mostrar a condição global vinculada a uma raiz local. Essa concepção contra-hegemônica de Santos (2009) dialoga perfeitamente com Said (1995) na maneira de interpretar a globalização dos povos colonizados, a partir da perspectiva de “cultura de resistência”:

Os escritores pós-imperiais do Terceiro Mundo, portanto, trazem dentro de si o passado — como cicatrizes de feridas humilhantes, como uma instigação a práticas diferentes, como

visões potencialmenterevistas do passado que tendem para um futuro pós-colonial, como experiências urgentemente reinterpretáveis e revivíveis, em que o nativo outrora silencioso fala e age em território tomado do colonizador, como parte de um movimento geral de resistência.

Outro motivo surge na cultura de resistência. Considere-se, em muitas modernas versões latino-americanas e caribenhas d'A tempestade de Shakespeare, o espantoso esforço cultural para reafirmar uma autoridade restaurada e revigorada sobre uma determinada região. (SAID, 1995, p. 328-329)

É interessante ressaltar no debate entre a visão de Rodó e Retamar que o ensaísta uruguaio é um das peças chaves para a configuração ideológica do escritor cubano. Mesmo que seja clara a escolha do passado colonial como uma cicatriz permanente na formação estrutural da América Latina; deve-se considerar que no estudo sobre a condição latino-americana há várias formas de entender seus problemas, até porque o continente americano tem suas particularidades artísticas e políticas. Na verdade, separar as concepções de América Latina de Rodó e Retamar apenas pelo tempo é reduzir o debate literário para um debate de lutas locais e localizadas. Ainda que seja inevitável separar o literário do histórico nas análises das obras de Rodó em contraste com as concepções de Retamar; o escritor cubano é categórico no reconhecimento do arielismo como forma de pensar a condição latino-americana:

En cuanto a Rodó, si es cierto que equivocó los símbolos, como se ha dicho, no es menos cierto que supo señalar con claridad al enemigo mayor que nuestra cultura tenía en su tiempo —y en el nuestro—, y ello es enormemente más importante. Las limitaciones de Rodó, que no es éste el momento de elucidar, son responsables de lo que no vio o vio desenfocadamente. Pero lo que en su caso es digno de señalar es lo que sí vio, y que sigue conservando cierta dosis de vigencia y aun de virulencia . (RETAMAR, 2008, p. 38).

Apesar da discordância entre Retamar e Rodó em relação ao símbolo da América Latina ou quem melhor representaria a metáfora da formação da identidade cultural latino-americana, pode-se perceber que há um ponto de convergência entre os dois: os Estados Unidos. Rodó tem como objetivo orientar e incentivar os jovens a dar um novo senso moral a sociedade latino-americana, que passou por muitos anos de domínio por parte dos colonizadores da Península Ibérica e caminharia para um processo de libertação contra o nascente império estadunidense e seu expansionismo no

continente. Segundo Oviedo (2007, p. 331), “hoy podemos ver que, en su crítica de Norteamérica y en su visión del dilema que presentaba para el resto del continente, Rodó se excede al mismo tiempo que se queda corto” (OVIEDO, 2007, p,331). Ainda que as concepções de Rodó pareçam limitadas, pode-se dizer que alguns prognósticos se confirmaram na América Latina, até porque a “onda modernizadora”, do início do século 20, é um dos principais pilares para a formação da colonialidade.

Historicamente, os termos globalização e “onda modernizadora” são situados para designar o intervencionismo externo das grandes potências nos países que têm em comum a colonização (Terceiro Mundo) em sua constituição histórica. De acordo com Mignolo (2003), a colonialidade do poder é uma forma de mostrar que a colonização não é mais realizada por meio de conquistas territoriais, mas por meio dos “conglomerados empresariais” dos grandes centros consumidores e detedores dos meios de produção.

Contudo, diante das novas formas de exploração econômicas em relação aos países periféricos, quais maneiras que os discursos de Rodó e Retamar revelam a colonialidade do poder que emerge por toda a parte do globo? De qualquer forma, a maior importância em relação ao diálogo entre Rodó e Retamar é a forma que o colonialismo se revela nas obras de ambos. A inspiração de Rodó para a configuração ideológica de *Ariel* será realizada de acordo com os princípios de Renan e Guyau, a partir do surgimento do “americanismo genuíno”. Esse americanismo entendido por Rodó como a unidade espiritual da América é visto numa perspectiva anti-imperialista. Segundo Weinberg (2000, p. 134), “si muchos consideran hoy un texto superado, el *Ariel* sigue suscitando renovadas lecturas; por otra parte, muchos de los temas que en él se tratan no se han agotado y revisten nuevo interés.” (WEINBERG, 2000, p.134). Na verdade, o ensaísta uruguaio prega uma revolução individual de cada homem latino-americano para desenvolver o seu espírito através da estética individual. Já Retamar, mostra o homem latino-americano numa perspectiva de uma revolução coletiva. Esse coletivismo revelado pelo escritor cubano é fruto do desenvolvimento da ideologia marxista na América Latina, sobretudo, com a forma de pensar a condição latino-americana numa concepção que Revolução Cubana seria a principal maneira

de combater o intervencionismo dos Estados Unidos em Cuba desde a época da Independência, como também em toda a parte central da América.

Por outro lado, o pensamento sobre a identidade cultural latino-americana revelada como *cultura de resistência* ou *processo contra-hegemônico* entende a América Latina como um debate ideológico restritivo. Mesmo que Retamar tenha concebido o processo de colonização da América Latina limitado ao Caribe, é possível perceber em sua concepção alguns pontos interessantes no debate sobre as novas ordens globais vigentes:

O crítico cubano Roberto Fernández Retamar faz a significativa observação de que, para os atuais latino-americanos e caribenhos, é o próprio Caliban, e não Ariel, o principal símbolo de hibridismo, com sua estranha e imprevisível mistura de atributos. Isto é mais fiel ao creole, ou mestizo, compósito da nova América. A preferência de Retamar por Caliban, em detrimento de Ariel, marca um debate ideológico muito importante no cerne do esforço cultural pela descolonização, um esforço pela restauração da comunidade e pela retomada da cultura que continua por muito tempo após o estabelecimento político dos Estados-nação independentes. A resistência e a descolonização, no sentido em que estou falando aqui, persistem por muito tempo depois que o nacionalismo vitorioso se detém. (SAID, 1995, p. 330).

O modo generalizador de Retamar em relação à representação da identidade cultural latino-americana baseada na concepção calibanesca de América Latina não corresponde às realidades de outras partes do continente, como a região do Rio da Prata (Brasil, Argentina e Uruguai), que tiveram o passado colonial assim como o próprio Caribe, mas as estruturas dessas raízes colônias configuram-se de outras maneiras, até porque mesmo que haja um desejo de uma união de todas as nações do continente e que possam existir semelhanças políticas, históricas e artísticas, cada país ou sub-região tem suas nuances.

Al exaltar empero la rebelión negadora de Calibán como alternativa revolucionaria, el autor cubano se ubica más cerca de Fanon que de Marx. En el ensayo en consideración es en este sentido consecuente la línea argumental que une la exaltación del "calibanismo" con la mitificación de José Martí y la defensa cerrada de la política cultural sectaria y excluyente del Partido Comunista Cubano desde fines de los años 60: se trata de ubicarlo simbólicamente al final de la historia como poseedor de la verdad y determinante de quién es "Caliban", o sea quién pertenece al Pueblo y quién no. Extendiendo el paradigma calibaniano al conjunto del continente Fernández Retamar se arroga (en nombre de su partido) el derecho a definir quién es el pueblo latinoamericano. (VIOR, 2000, p.97)

Para tanto, pode-se dizer que há também em Retamar uma espécie de limitação em sua interpretação no que se refere à dicotomia entre Próspero e Caliban. Desse modo, a figura de Ariel não pode ser rejeitada e nem limitada a um projeto de divulgação das ideias monárquicas defendidas por Renan. Ao negar o pensamento arieslista, Retamar limita a função social do sujeito intelectual latino-americano que minimiza a complexidade do conflito entre o projeto de dominação hegemônica e a construção do sujeito latino-americano perante o mundo em processo de globalização. Neste contexto, a hegemonia ideológica dos projetos globais formam novas maneiras de redefinir a intelectualidade de acordo com a formação simbólica identitária latino-americana, fazendo pensar que o medo de ser colonizado novamente (nos moldes clássicos) é uma forma interiorizada pelos intelectuais latino-americanos: seja Retamar apoiando a Revolução Cuba, seja Rodó liderando o movimento modernista em defesa do latino-americanismo.

Diante da complexidade das concepções históricas e estruturais acerca das interpretações d' *A Tempestade*, as condições para a formação de um sujeito latino-americano autônomo tem que ser levados em conta alguns aspectos, como afirma Vior:

1. La figura simbólica del Calibán puede contribuir a caracterizar al Otro de la dominación eurocéntrica si se esclarece su relación con Ariel y la de ambos con Próspero. Es decir, que no puede haber un Calibán emancipado sin un Ariel desencadenado.

2. La dominación deslegitima el discurso del dominado. Sólo la traducción de su discurso a un lenguaje universal puede darle estatus de "discurso autorizado". No basta con que Calibán se apropie de la lengua de su opresor, también debe descifrar la dinámica de su conducta para devolverle la imagen de sí mismo y hacerlo conciente de su temor y las violentas proyecciones consecuentes del mismo.

3. El "calibanismo", ese Otro de la cultura eurocéntrica, nos ha formado. Conocer su origen nos ayudará a relativizarlo ya emanciparnos de sus pulsiones.

4. Calibán es una imagen reductora de una realidad compleja. Sólo la desconstrucción de esa imagen, poniéndola a prueba en cada fragmento de la realidad latinoamericana, puede devolver a la cultura eurocéntrica la "otra" imagen de su identidad. (VIOR, 2000, p.99-100)

Observa-se que o processo de formação identitária é uma tarefa bastante complexa no estudo das Ciências Humanas. Essa forma de pensar a condição latino-americana é uma maneira de refundar o sujeito simbólico

latino-americano, que está sempre em constante mudança juntamente com a questão da identidade cultural.

Portanto, perante as complexidades apresentadas no século XXI, quais são as possibilidades de diálogo entre Retamar e Rodó? Será que Rodó está tão equivocados na sua interpretação de América Latina, ou então, foi derrotado em sua proposta? Será que somos o Caliban, de Rodó, fruto de uma sociedade consumista e globalizada, incluída na dinâmica do mercado financeiro? Por fim, devemos encarnar a inteligência, a nobreza, a beleza e a submissão, de Ariel, tornando-nos o mulato convarde, como nos termos de representação de Césaire? Ou encarnamos a figura horrenda representada por Caliban?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este último momento, serão respondidos alguns questionamentos levantados no tópico anterior. O primeiro questionamento é uma forma de atualização das discussões sobre os problemas políticos e históricos da América Latina baseados no literário como uma perspectiva ampla teórica, como afirma Mignolo 2003, p. 297:

Lo que está permitido en la literatura no se permite em las culturas académicas. Las culturas académicas (de las que me ocupé em el próximo capítulo) podrían hacer de lo híbrido un interesante tema de estudio, pero el discurso que informa sobre los descubrimientos no puede ser híbrido. (MIGNOLO, 2003, p.297).

Essa forma de pensar as questões identitárias é um processo de formação híbrida, visto que o próprio discurso acadêmico é entendido dessa forma, principalmente, pelo fato de definirmos o objeto de pesquisa uma obra literária acompanhada com as possíveis discursões teóricas que possa existir acerca do *Ariel*, de Rodó. No cerne dessa questão, podemos dizer que os Estudos Culturais ou outros termos que venham existir associados a ele são entendidos em todas as instâncias de forma polêmica: desde o melhor termo para definir esse método de enxergar as análises literárias, suas características, seus objetivos e sua relação com a literatura.

Los Estudios Culturales Latinoamericanos podrían definirse, muy a grosso modo, como un campo de estudio configurado dentro de la tradición crítica latino-americana (el ensayo de ideas —lo que Julio Ramos ha llamado el “ensayo humanista o secular”—, la teoría de la dependencia y la teología de la liberación), que se mantiene en un diálogo constante, muchas veces conflictivo, con las escuelas de pensamiento europeas y norteamericanas (los “Cultural Studies” en sus dos vertientes —inglesa y norteamericana—, el estructuralismo francés, las filosofías posestructuralistas y posmodernas, la sociología de la cultura, la Escuela de Frankfurt, la semiótica, el feminismo y el marxismo). (RÍOS, 2002, p. 247).

Se o literário é o objeto de que se ocupam os Estudos Culturais, as análises desses pressupostos são feitas por intermedio de uma produção simbólica da realidade social produzida pelo literário. No entanto, a literatura

não pode ser descrita apenas sob o véis de relato da sociedade e o termo “realidade social” não se restringe em relatar a situação ocorrida de maneira fiel ao fato, pois a literatura é mais uma perspectiva sobre a questão da colonialidade no processo de formação identitária latino-americana.

Sendo assim, o diálogo entre a obra de Rodó e Retamar é uma forma de ampliar os preceitos arielistas, tornando válida essa proposta durante o século XXI, até porque não há como negar as origens coloniais e europeias expressas pela intelectualidade latino-americana na formação histórica da América Latina. Em relação a esse fato, as interpretações d’*A tempestade* proposta pelo ensaísta uruguaio e o escritor cubano remetem a uma maneira de produzir uma perspectiva sobre o desenvolvimento crítico latino-americano de acordo com a tradição ensaística desses autores. Essas posições enunciativas temáticas marcam uma forma de pensar os processos de formação identitária e fazem parte de uma nova maneira de pensar o papel dos intelectuais na sociedade, como também as práticas sociais que o conhecimento acadêmico acarretará no processo de desconstrução de uma ideologia hegemônica/dominante.

De certo modo, podemos dizer que a América Latina é um constructo social e político que marca uma perspectiva ocidental europeia, como foi abordado logo no primeiro capítulo, quando falamos da origem francesa na definição do referido vocábulo. Essa concepção remete ao conceito apresentado por Mignolo (2007), numa perspectiva de “feridas coloniais”, sendo possível afirmar que essas ideias de América Latina produzida pelas questões literárias traduzem a forma de entender a geografia atual do continente latino-americano, entendendo a questão da americanidade vinculada aos preceitos da colonialidade:

1. *No existe modernidad sin colonialidad, ya que esta es parte indispensable de la modernidad.*
2. *El mundo moderno/colonial(y la matriz colonial del poder) se origina en el siglo XVI, y el descubrimiento/ invención de América es el componente colonial de la modernidade cuya cara visible es el Renacimiento europeo.*
3. *La ilustración y la Revolución Industrial son momentos históricos derivados que consisten en la transformación de la matriz colonial de poder.*

4. *La modernidad es el nombre del proceso histórico en el que Europa inició el camino hacia la hegemonía. Su lado oscuro es la colonialidad.*
5. *El capitalismo, tal como lo conocemos, está en la esencia de la noción de la modernidad y de su lado oscuro, la colonialidad.*
6. *El capitalismo y la modernidad/ colonialidad tuvieron un segundo momento histórico de transformación después de la Segunda Guerra Mundial, cuando Estados Unidos se apropió del liderazgo imperial del que antes habían gozado, en distintas épocas, España e Inglaterra. (MIGNOLO, p.18, 2007).*

A ideia de América Latina de Mignolo (2007) é formatada pela noção de colonialidade vinculada à ideia de modernidade. Dessa forma, a colonialidade configura-se como uma face oculta dos processos de globalização hegemônica, que têm suas origens no sentimento de inferioridade dos latino-americanos diante dos modelos eurocêntricos. Na verdade, a modernidade na perspectiva de Mignolo (2007) coexiste com a dicotomia entre o moderno e o civilizado, que se afirma na identificação categorizada no debate teórico das concepções de Rodó e Retamar.

Então, para seguir respondendo aos questionamentos levantados anteriormente, podemos dizer que a escola arielista liderada por Rodó e os modernistas de seu tempo mostram o papel dos latino-americanos na construção da América Latina de acordo os preceitos de recuperação dos modelos eurocêntricos que estavam se perdendo na América Latina com a ascensão dos Estados Unidos e sua política intervencionista. Retamar projetará uma concepção de América Latina baseada na ideia dos primeiros habitantes.

Porém, mesmo que a questão histórica seja marcante na configuração do pensamento de Rodó, devemos entender que o processo de globalização já havia avançada na região do Caribe e na região do Rio da Prata, como abordamos no segundo capítulo. É notável também entender que a concepção de Caliban, de Rodó, como representante de uma sociedade consumista e vista de forma caricata como representante da ascensão estadunidense no continente latino-americano é válida, pois a dinâmica do mercado financeiro atual mostra-se preocupada em vender produtos e modos de vida.

Por isso, não há apenas um padrão identitário a ser seguido pelos latino-americanos, visto que todas as culturas que fizeram parte dessa formação não podem ser negadas pelos intelectuais da América Latina, não resumindo o lugar do Ariel, no contexto latino-americano, de forma inferiorizada, como nas palavras de Santos (2009, p.265):

Ariel es una figura de intermediación. Pese a las más recientes transformaciones de la economía mundial, pienso que hay países (o regiones y sectores) de desarrollo medio que cumplen una función de intermediación entre el centro y la periferia del sistemamundo. Son especialmente importantes países como Brasil, México e India. (SANTOS, 2009, p.256).

Dito dessa maneira, a visão do *Ariel*, de Rodó, revela novas formas de entender a América Latina e as complexidades vinculadas as forma de pensar a questão identitária além do vieis colonialista. Rodó pensou, de forma sagaz, a configuração da colonialidade do poder representada pelos Estados Unidos e a negação de Caliban seria uma maneira de pensar sua concepção arielista diferente do mulato covarde de Césaire. Esse discurso de “submissão” apresentado por Rodó não pode ser entendido de uma maneira tão limitada, até porque os padrões estéticos de beleza, inteligência e nobreza encontradas na literatura latino-americana é uma herança de Ariel, que podemos interpretar como superação artística dos antigos colonizadores, durante o século XX com a explosão literária latino-americana.

REFERÊNCIAS

AINSA, Fernando. **El centenario de *Ariel*: una lectura para el 2000**. In: ZEA, Leopoldo; TABOADA, Hernán (Compiladores). *Arielismo y globalización*. México: Fondo de cultura económica, 2000, p. 89-107.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo** (tradução Denise Bottman). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARDAO, Arturo. **Etapas de la inteligencia uruguaya**. Montevideo, Universidad de la República/Depto. de Publicaciones, 1971. Col. "Nuestra América", No.10. 438 pp.

_____. **Espiritualismo y positivismo en el Uruguay**. México F.C.E., 1951. 2ª.ed. Montevideo, Depto. de publicaciones de la Universidad de la República, 1968. 302 pp. Col. "Historia y Cultura", No.10.

BENEDETTI, Mário. **Genio y figura de José Enrique Rodó**. Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1966.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOMFIM, Manoel. **O Brasil na América: caracterização da formação brasileira**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1929.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, p.11-66 :Colônia, Culto e Cultura, 1992.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. 1998.

COLLINGWOOD, R. G. **A ideia de História**. 5 ed. Lisboa: Editorial Presença, LDA, 1981.

COMMAGER, H.S. **O espírito norte-americano: uma interpretação do pensamento e do caráter norte-americano desde a década de 1880**. São Paulo: Editora Cultrix , 1969.

DARÍO, Ruben. **El triunfo de Caliban**, 1898. Disponível em <http://www.ensayistas.org/antologia/XIXA/dario/>. Acessado em 09/12/2013

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**; (tradução Sandra Castello Branco) 2.ed.- São Paulo: Unesp, 2011.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.

GASTELUMENTI FIORENTINO, A.M. **La razón rodoniana**. In: ZEA, Leopoldo; TABOADA, Hernán (Compiladores). *Arielismo y globalización*. México: Fondo de cultura económica, 2000, p. 61-89.

GEARY, Patrick J. **O Mito das Nações. A invenção do nacionalismo** Lisboa, Gradiva, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, 4ª ed. Trad. de Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A Editora. Rio de Janeiro; 2000.

HALPERIN DONGHI, Tulio. **Historia Contemporánea de América Latina**. Buenos Aires: Alianza, 1999.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade** (tradução: Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino).- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JÁUREGUI, Carlos A. **Canibalia: canibalismo, calibanismo, antropofagia cultural y consumo en América Latina**. Ciudad de México: IBEROAMERICANA EDITORIAL VERVUERT, 2008.

JOZEF, Bella. **História da Literatura Hispano-Americana**. 4ª ed. Francisco Alves / Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 2005.

LEÓN, Eduardo. **Ariel cien años después: modernización suave y subjetividade**. in. *Arielismo y Globalización* In: ZEA, Leopoldo; TABOADA Hernán (Compiladores). *Arielismo y globalización*. México: Fondo de cultura económica, 2000, p. 13-33.

LESTRINGANT, Frank. **O canibal. Grandeza e decadência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

“_____.” **Historias locales/diseños globales**. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal, 2003.

MIRANDA POZA, José Alberto. **O Modernismo nas letras hispânicas: Interfaces. Rubén Darío, Manuel Machado, Antonio Machado**. Contexto (UFES), v. 23, p. 179-221, 2013.

MITRE, Antonio. **Fenômenos de massa na sociedade oligárquica: o despontar da modernidade em Ariel de Rodó**. In: O dilema do centauro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p.103-121.

MONTAIGNE, Michel. **Dos Canibais**. In. Ensaio vol. 1. Trad. J. Brito Broca e Wilson Lousada. Rio de Janeiro: Editora Clássicos Jackson, 1972.

MORSE, Richard M. **O espelho de Próspero**. Cultura e idéias nas Américas. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

NOGUEIRA, Denio. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora: Forense Universitária, 1988.

OVIEDO, José Miguel. **Historia de la literatura hispanoamericana, vol. II**. 3.ªreimpr. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

PETITO, Gonzalo Varela. **Ariel en su centenario**. In: ZEA, Leopoldo; TABOADA Hernán (Compiladores). Arielismo y globalización. México: Fondo de cultura económica, 2000, p. 61-89.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. *En libro: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000. p. 246. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf>

RAMA. Ángel. **La ciudad letrada**. Montevideo: Editorial Arca, 1998.

RENAN, Ernest. **Caliban: suíte de La tempête, Drame philosophique**. Paris: Calmann-Lévy, 1878. (Tradução ao espanhol de Lautaro Bruera).

“_____.” **O que é uma nação?** (Tradução de Samuel Titan Jr.), 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/viewFile/75901/79400>. Acessado em 19/12/2013.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Todo Caliban**. Buenos Aires: CLACSO, 2004.

RÍOS, Alicia. **Los Estudios Culturales y el estudio de la cultura en América Latina**. En: Daniel Mato (coord.): Estudios y Otras Prácticas Intelectuales

Latinoamericanas en Cultura y Poder. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela.pp: 247-254, 2002.

RODÓ, Jose Enrique. **Ariel**. Madrid: Mestas Ediciones, 2003.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Denise Bottmann. 1º ed: Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Una epistemología del sur: la reinención del conocimiento y la emancipación social**. México: Siglo XXI; (Cap. 7: Entre Próspero y Caliban. Colonialismo, poscolonialismo e inter-identidad; Cap. 8: De lo posmoderno a lo poscolonial y más allá de uno y de otro), 2009.

SHAKESPEARE, William. **A Tempestade** (tradução de Beatriz Viégas Faria). Porto Alegre: L&PM, 2011.

SOUZA, Marcos Alves. **A cultura política do “batllismo” no Uruguai: 1903-1958**. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2003. 168p. ; 11,5 x 20 cm. Originalmente apresentada como dissertação (Mestrado/ Faculdade de História, Direito e Serviço da Universidade Estadual Paulista, 2000).

UGARTE, Manuel. **La nación latino-americana**. Venezuela: Ayacucho, 2006

VALDES-DEVÉS. **El pensamiento latinoamericano a comienzos del siglo XX: la reivindicación de la identidad**, em **CUYO**, Anuario de Filosofía Argentina y Americana, Volumen 14, Pág. 11-76, Argentina. 1997.

“_____.” **El Pensamiento Latinoamericano en el Siglo XX. Entre la modernización y la identidad. Tomo I, Del Ariel de Rodó a la Cepal (1900-1950)**, Biblos-DIBAM, Santiago-Buenos Aires, 2000.

VASCONCELOS, JOSÉ. **La Raza Cósmica**. Mexico D.F., Espasa Calpe, S.A., 1928.

VERÍSSIMO, José. **Cultura, literatura e política na América Latina. Seleção e apresentação João Alexandre Barbosa**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

VIOR, E. J. **Visiones de Calibán, visiones de América**. In. Anuario de Filosofía Argentina y Americana, págs. 89-103, 2000.

WEINBERG, L.I. **Una lectura actual del Ariel**. In: ZEA, Leopoldo; TABOADA Hernán (Compiladores). Arielismo y globalización. México: Fondo de cultura económica, 2000, p. 61-89.

ZEA, LEOPOLDO. **Pensamiento Positivista Latino-americano**. Venezuela: Ayacucho, 1979.

“_____.” **Ariel, un siglo después**. In: ZEA, Leopoldo; TABOADA Hernán (Compiladores). Arielismo y globalización. México: Fondo de cultura económica, 2000, p. 61-89.